

**Universidade Brasil
Curso de Pedagogia
Campus Descalvado**

KELY CRISTINA ZAPPELONI STOPPA

A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NA PRIMEIRÍSSIMA INFÂNCIA

**THE IMPORTANCE OF LÚDICO IN THE PRIMEIRÍSSIMA
CHILDHOOD**

Descalvado, SP

2017

Kely Cristina Zappeloni Stoppa

A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NA PRIMEIRÍSSIMA INFÂNCIA

Orientador(a): Prof.^a Esp. Rosa Maria Gasparini Nazar

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Brasil, como complementação dos créditos necessários para obtenção do título de Graduação em Pedagogia.

Descalvado, SP

2017

Autorizo, exclusivamente, para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial deste TCC, por processos xerográficos ou eletrônicos.

S886i Stoppa, Kely Cristina Zappeloni
A importância do lúdico na primeiríssima infância / Kely
Cristina Zappeloni Stoppa. – Descalvado: [s.n.], 2017.
56f. : il. ; 29,5cm.

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentada ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Brasil, como complementação dos créditos necessários para obtenção do título de Graduação em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Esp. Rosa Maria Gasparini Nazar

1. Lúdico. 2. Ensino. 3. Aprendizagem. 4. Desenvolvimento. 5. Criança. I. Título.

CDD 370.1523

Assinatura do aluno:

Data: ____/____/____

Universidade Brasil
Curso de Pedagogia
Campus Descalvado

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

A importância do lúdico na primeiríssima infância

Autor: Kely Cristina Zappeloni Stoppa

Orientador: Rosa Maria Gasparini Nazar

Esta monografia atendeu aos critérios de avaliação estabelecidos, sendo considerada suficiente para a obtenção do diploma do curso de Pedagogia pela Universidade Brasil.

Banca Examinadora:

Prof.(a) Esp. Rosa Maria Gasparini Nazar

Prof. (a) Esp. Fernanda Garcia Scrochio Lorenção

Prof.(a) Ms. Nilce Helene Poiatti Danaga

Descalvado, SP

Data: ____/____/____.

Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus, que iluminou meu caminho durante essa longa caminhada, não me deixando desanimar nunca. Ao meu esposo, meus filhos e meus pais, que sempre torceram por mim. Aos meus professores, pela paciência durante o curso, e em especial a professora Rosa e a professora Fernanda, pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão desta monografia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu esposo Fábio, pela paciência, pelo incentivo, pela força e principalmente pelo apoio e carinho, nos momentos de dificuldades. Quero agradecer também aos meus filhos Lucas, Ana Flávia e Ana Clara , que foram a luz dos meus pensamentos. E não deixando de agradecer, de forma grandiosa aos meus pais Pedro e Catarina, a quem rogo todas as noites pela minha existência.

“Brincar com crianças não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem”.

Carlos Drummond de Andrade

A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NA PRIMEIRÍSSIMA INFÂNCIA

RESUMO

Esta pesquisa bibliográfica buscou destacar a importância do lúdico para o desenvolvimento da criança na faixa etária de 0 a 3 anos. Para sua fundamentação foi tomado como base o que dizem os autores Piaget, Vygotsky, Winnicott, entre outros, que consideram que o lúdico pode desenvolver na criança capacidades como: socialização, criatividade, imaginação e amadurecimento. A pesquisa foi desenvolvida considerando o lúdico, não como única alternativa, mas como ponte para o auxílio a educadores interessados em mudanças no processo de ensino e aprendizagem. Piaget, Vygotsky e outros autores, conceituam o lúdico não apenas como uma distração ou passatempo, mas uma ferramenta facilitadora no processo do desenvolvimento psicológico, afetivo e cognitivo da criança. Levando em consideração que as inovações no âmbito educacional se fazem necessárias para que a aprendizagem seja efetivamente significativa, utilizar o lúdico como uma das alternativas para o auxílio no processo ensino-aprendizagem foi objeto de estudos da presente pesquisa, visando a possibilitar um melhor desempenho dos educadores na prática docente e nos resultados alcançados. A pesquisa trouxe uma abordagem qualitativa, que se preocupou com a compreensão, com a interpretação do lúdico nas atividades infantis, do tipo bibliográfica, com o objetivo de descrever as características do lúdico para o processo de aprendizagem da criança.

Palavras-chave: lúdico, ensino, aprendizagem, desenvolvimento, criança.

THE IMPORTANCE OF LÚDICO IN THE FIRST CHILDHOOD

ABSTRACT

This bibliographic research aims to highlight the importance of the playful to the development of the child in the age group of 0 to 3 years. For its foundation, the authors Piaget, Vygotsky, Winnicott and others, who consider that the child can develop abilities such as: socialization, creativity, imagination and maturation, will be taken as a basis. The research will be developed considering the ludic, not as only alternative, but as a bridge to help educators interested in changes in the teaching and learning process. The authors Piaget, Vygotsky and other authors conceptualize the play as not only a distraction or a pastime, but a facilitating tool in the process of the child's psychological, affective and cognitive development. Observing that the changes in the educational scope are necessary for the learning to be effectively meaningful to use the playful as one of the alternatives for the aid in the teaching learning process will be object of studies of the present research, aiming to make possible a better performance of the educators in the teaching practice and results achieved. The research will bring a qualitative approach, which will be concerned with the understanding, with the interpretation of the playful in children's activities, will be of the bibliographic type, with the purpose of describing the characteristics of the playful to the process of learning the child.

Keywords: playful, teaching, learning, development, child.

LISTA DE FIGURAS

CAPÍTULO 1

Figura 1 - Afresco de Rafael no Vaticano retrata a adoção de Moisés, retirado das águas do Nilo.	18
Figura 2 - Inauguração do “Jardim “Arquivo público do Estado de São Paulo.	22
Figura 3 - Crianças hoje.....	25

CAPÍTULO 3

Figura 1 - Cantinho das texturas.....	42
Figura 2 - Cantinho da leitura.....	43
Figura 3 - Curiosidade ao experimentar texturas.....	44

LISTA DE QUADROS

CAPÍTULO 2

Quadro 1 - Etapas do desenvolvimento infantil físico-motor.	32
Quadro 2 - Principais características do desenvolvimento da linguagem.	34

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1	16
INFÂNCIA: CARACTERÍSTICAS E ALGUNS MARCADORES HISTÓRICOS	16
1.1 Alguns marcos legais e referenciais didáticos na Educação Infantil.....	25
CAPÍTULO 2	28
DESENVOLVIMENTO GLOBAL NA PRIMEIRÍSSIMA INFÂNCIA – CONCEITOS, NECESSIDADES E FATORES ESSENCIAIS.....	28
2.1 Desenvolvimento físico-motor da criança de 0 a 3 anos.....	29
2.2 Desenvolvimento intelectual	32
2.3 Desenvolvimento social	35
CAPÍTULO 3	39
O BRINCAR E A EDUCAÇÃO, E A IMPORTÂNCIA NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA. 39	
3.1 O dia a dia nas creches: algumas considerações sobre tempo e espaço	40
3.2 A organização do espaço de creche por faixa etária	43
3.3 As crianças, os jogos, os brinquedos e brincadeiras, na construção do processo de aprendizagem.....	49
3.4 Formação e atuação do professor na creche, algumas considerações	51
CONCLUSÃO.....	53
REFERÊNCIAS	55

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa visa analisar a importância do lúdico no desenvolvimento da criança, na educação infantil, na fase de zero a três anos. Ressaltar a importância de construir o saber brincando segundo alguns autores, focando no que dizem Piaget¹, Vygotsky² e Winnicott³. Através do lúdico a criança desenvolve capacidades como: socialização, criatividade, imaginação, amadurecimento. As brincadeiras permitem que as crianças construam, transformem e produzam novos significados.

A escolha do tema se fundamenta na inquietude da pesquisadora em saber como a educação infantil, em especial, na fase da primeiríssima infância, pode proporcionar a seus educandos um ambiente rico em atividades lúdicas, já que hoje a maioria das crianças passa a maior parte de seu dia dentro das instituições de ensino; bem como, pesquisar procedimentos didáticos de ensino pautados na ludicidade, para que se possam gerar mudanças positivas no processo ensino-aprendizagem. De acordo com esta linha investigativa, Oliveira coloca que:

[...] na educação infantil, o debate centra-se na autonomia de cada creche e pré-escola para elaborar e desenvolver seu projeto pedagógico e na necessidade de que esse projeto se comprometa com padrões de qualidade. Não se trata de aceitar qualquer modelo, mas de garantir qualidade no modelo educacional proposto. (2002, p. 47).

Nesse sentido o lúdico pode contribuir de forma significativa para o desenvolvimento do ser humano, auxiliando não só na aprendizagem, mas também no desenvolvimento social, pessoal e cultural, facilitando no processo de socialização, comunicação, expressão e construção do pensamento. Porém, “o lúdico não é a única alternativa para a melhoria no intercâmbio ensino-aprendizagem, mas é uma ponte que auxilia na melhoria dos resultados por parte dos educadores interessados em promover mudanças”. (MAURÍCIO, 2012, p1). Seguindo a mesma concepção de Maurício, Oliveira ainda coloca que:

[...] cabe, pois, ao professor, com seu olhar atento, seguro e disponível, acompanhar as diferentes formas pelas quais a criança, desde o nascimento, se indaga sobre o mundo e sobre a si mesma, trilha diversos universos simbólicos, transita entre a cultura erudita e a cultura popular, imerge em situações diversas e emociona-se com

¹ Jean Piaget (1896-1980) renomado psicólogo e filósofo suíço, conhecido por seu trabalho pioneiro no campo da inteligência infantil.

² Lev Semenovich Vygotsky; pensador importante foi pioneiro na noção de que o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em função das interações sociais e condições de vida.

³ Donald Winnicott; pediatra e psicanalista, sua extensa obra foi dedicada à construção da teoria do amadurecimento pessoal.

o belo e contra a violência, ao mesmo tempo em que vibra com descobertas e reconhece obstáculos (OLIVEIRA, 2002, p. 51).

E mesmo que ainda exista a ideia de que as atividades lúdicas devem servir apenas como distração ou como um passatempo que ocupe a criança, estudos tem demonstrado a importância destas atividades para o adequado desenvolvimento psicológico, afetivo e cognitivo do ser humano.

Segundo Brasil (1998), na educação infantil, o desenvolvimento da criança acontece através do lúdico, para que a criança brinque e tenha prazer ao crescer, deve-se utilizar o jogo como forma de equilíbrio entre ela e o mundo, portanto, a atividade escolar deverá ser uma forma de trabalho, que faça com que a criança tenha um desenvolvimento completo. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI):

As brincadeiras de faz de conta, os jogos de construção e aqueles que possuem regras, como jogos de sociedade (também chamados jogos de tabuleiro) jogos tradicionais, didáticos, corporais, etc..., proporcionam a ampliação dos conhecimentos da criança por meio da atividade lúdica. (BRASIL, 1998, p. 28).

No desenvolvimento cognitivo, Piaget considera que ao se trabalhar com o jogo prepondera a assimilação, ou seja, a criança assimila o que percebe da realidade às estruturas que já construiu, assim, para o autor, o jogo é importante, porém não é determinante na modificação das estruturas mentais, já para Vygotsky, o jogo proporciona alteração das estruturas cognitivas, o que leva (PALANGANA, 1994) a afirmar que os dois autores diferem radicalmente em relação ao papel do jogo no desenvolvimento cognitivo. Nesse sentido pode-se afirmar que para Vygotsky, o desenvolvimento intelectual é um processo que se dá de fora para dentro, e para Piaget, ocorre o processo inverso, ou seja, se dá de dentro para fora. Apesar das concepções opostas, os dois autores defendem a importância do jogo para a assimilação e reelaboração da realidade. A esse respeito Kishimoto considera que:

O jogo como promotor da aprendizagem e do desenvolvimento passa ser considerado nas práticas escolares como importante aliado para o ensino, já que colocar o aluno diante de situações lúdicas como o jogo pode ser uma boa estratégia para aproximá-lo dos conteúdos culturais a serem veiculados na escola. (1994, p. 13).

A pesquisa em questão, pretende mostrar a verdadeira finalidade do lúdico na Educação: desenvolver do ponto de vista pedagógico e dinâmico, o fortalecimento da criatividade, da sociabilidade, da liberdade de expressão, do amadurecimento; enfim, do

aperfeiçoamento total da criança, dando um breve destaque também à importância dos brinquedos, da brinquedoteca e uma reflexão do pensar de alguns autores, pesquisadores da infância.

Buscando atender a esta finalidade, a presente pesquisa será descritiva do tipo bibliográfica, cuja finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com o que foi falado, dito e publicado, cujo objetivo será descrever as características do lúdico para o processo de aprendizagem da criança. Quanto a abordagem, esta será qualitativa, pois se preocupa com a compreensão, com o porquê de um fenômeno e propõe ao pesquisador de forma objetiva, uma interpretação da causa, com um vasto conjunto de materiais para reflexões e entendimento sobre o tema (GONSALVES, 2001). Para tanto, no processo de elaboração desta, serão levantados textos em livros, teses, dissertações, revistas da área de Educação e indexados em bases como Scielo Brasil, Bireme, dos últimos dez anos, em português pautado em embasamentos teóricos.

O trabalho monográfico será organizada em três capítulos, sendo que o primeiro discorrerá sobre a infância ao longo da história, abordando seu significado e o papel da criança na sociedade. É importante destacar que, a concepção de infância está atrelada à concepção de família e que ambas foram se modificando ao longo dos tempos. Antes não se tinha a ideia de afeto, e os indivíduos viviam em grupos pela questão da sobrevivência. A criança até os sete anos era considerada a-histórica. Neste sentido, o historiador Ariès complementa que:

O sentimento da infância não existia - o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia (1981, p.156).

Já o segundo capítulo abordará sobre o processo de desenvolvimento infantil, na fase de zero a três anos, trazendo uma reflexão sobre o desenvolvimento previamente inato ao ser humano, como ressalta Oliveira, ao colocar que:

[...] seria como o desenrolar de um novelo [...] bastaria alimentar um processo de maturação e as aptidões individuais, em estado de prontidão, guiariam o comportamento do sujeito... subsidiando concepções de que a educação da infância envolveria apenas regar as pequenas sementes para que essas desabrochem suas aptidões (2002, p. 125).

O terceiro capítulo dissertará respeito do brincar no contexto educacional, associado às situações de aprendizagem significativas, contribuindo assim para o desenvolvimento agradável, saudável e integral da criança trazendo o universo lúdico como um elo integrador entre: aspectos motores, cognitivos, afetivos e sociais, e como podem influenciar de maneira significativa na vida da criança. E assim contribuir no fortalecimento do organismo, melhorando seu estado de saúde, proporcionando o desenvolvimento de habilidades úteis para a vida. Criando hábitos culturais e influenciando na formação de qualidades morais e sociais da personalidade.

Quanto à relevância acadêmica, esta pesquisa se faz significativa aos alunos do curso de Pedagogia, assim como para outros profissionais que já atuam na educação, ampliando os conhecimentos sobre o assunto e reconhecendo que a brincadeira não é apenas divertimento, mas aprendizagem e desenvolvimento. No âmbito científico, busca-se consolidar a importância do lúdico para o processo de ensino-aprendizagem, buscando clarificar o papel do brincar e conscientizar professores de seu real significado.

CAPÍTULO 1

INFÂNCIA: CARACTERÍSTICAS E ALGUNS MARCADORES HISTÓRICOS

Para que se possa compreender o processo da formação das características que envolvem os cuidados para com a primeiríssima infância, faixa etária de zero a três anos, se faz necessário conhecer um pouco da evolução histórica nos diferentes períodos da humanidade, cada qual com um olhar diferenciado para o infante.

“A fascinação pelos anos da infância, um fenômeno relativamente recente” (HEYWOOD, 2004, p.13), fez com que o conceito de infância sofresse alterações significativas ao longo da história. Compreender o que foram esses conceitos, analisando a infância do ponto de vista histórico, pode nos revelar muito sobre a sua situação nos dias atuais.

A infância vem sofrendo muitas transformações no que se refere à sua valorização, que ao longo dos séculos passa de uma total desvalorização, para uma valorização intensa. É importante ressaltar que a evolução da concepção de infância está atrelada à evolução da concepção de família, e sofre influência do momento histórico da sociedade. O conceito de infância como conhecemos hoje começa a se delinear a partir da Era Moderna.

O termo infância vem de In-fans e tem o sentido de não fala. Etimologicamente a palavra infância tem origem no Latim, infantia, do verbo fari = falar, onde fan = falante e in constitui a negação do verbo. Portanto infans refere-se ao indivíduo que não é capaz de falar.⁴

Considerando a evolução histórica deste conceito, é possível identificar que para a educação grega do período clássico, o termo fazia referência a seres selvagens. Já no período medieval, a infância estava relacionada à natureza pecadora do homem, tendo em vista que a razão, reflexo da luz divina, não poderia se manifestar na criança, sobretudo nas de baixo nível socioeconômico (OLIVEIRA, 2002).

Nas classes sociais mais privilegiadas, o autor aponta que, contraditoriamente:

[...] as crianças eram geralmente vistas como objeto divino, misterioso, cuja transformação em adultos também se fazia pela direta imersão no ambiente doméstico. Nesses casos, papais superficiais eram reservados à criança, mas sem considerar a existência de uma identidade pessoal (OLIVEIRA, 2002, p.125).

⁴O que é infância, definição. Disponível em <https://www.significados.com.br/infancia/>. Acesso em 19 de out. 2017.

Faz-se importante destacar que, a concepção de infância está atrelada a concepção de família, sofreu e sofre modificações com o passar do tempo. No passado não se tinha ideia de afeto, os indivíduos viviam em grupos por questão de sobrevivência. Até os sete anos a criança era considerada a-histórica. Neste sentido,

[...] o sentimento da infância não existia - o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia (ARIÈS, 1981, p.156)⁵.

Para o autor, essa atitude em relação a criança se dá por vários fatores; por questões demográficas, pela alta mortalidade infantil e pelo grande número de filhos das famílias. Até a Idade Média não se reservava a criança um lugar especial dentro das famílias: “a passagem da criança pela família e pela sociedade era muito breve e muito insignificante para que se tivesse tempo ou razão de forçar a memória e tocar a sensibilidade” (ARIÈS, 1981).

Alusivo a esta questão, da Antiguidade até a Idade Média, as crianças ingressavam muito cedo no mundo dos adultos. Segundo Ariès (1981), as crianças eram vistas como mini adultos. A infância era um breve período da vida, o aprendizado estava relacionado com o serviço doméstico, como forma de educação. Os jogos, as brincadeiras, as profissões as armas, enfim, toda essa indeterminação da idade, se estendia para todas as atividades sociais, e na Paideia helenística, o rito de passagem entre o mundo infantil e adulto ocorria através da iniciação ou de uma educação; diferente do período medieval, que não possuía essa percepção de mudança.

Na Idade Antiga, os pais é que resolviam o destino da criança, ou seja, ao nascer se o pai não gostasse de algo no recém-nascido, poderia não querer que permanecesse ali. O infanticídio era uma prática comum, considerada natural. Nessa época existia o abandono, que podia ser selvagem, quando a criança era abandonada à “mingua”, em um local onde não conseguiria sobreviver ou ainda o civilizado, que se abandonava em um local onde a criança pudesse ser acolhida.

Neste contexto, existia também a adoção, que consistia em que quando um casal que não pudesse ter filhos naturais escolhia uma pessoa para ficar com a herança da família e dar continuidade a esse patrimônio.

⁵ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2. ed. Trad. de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.

De acordo com Moraes a prática da adoção:

[...] não teve vigência uniforme em toda Europa. Alguns países demoraram algum tempo em admiti-la e muitos, quando o fizeram, fora com certa reserva. As leis europeias refletem claramente a desconfiança que inspirava, em determinados setores, essa nova instituição que procurava superar os impasses criados pela natureza através de um expediente jurídico (MORAES, 1983, p. 31).



Figura 1 - Afresco de Rafael no Vaticano retrata a adoção de Moisés, retirado das águas do Nilo.

Fonte: <https://www.senado.gov.br/noticias/Jornal/emdiscussao/adocao/contexto-da-adocao-no-brasil/historia-da-adocao-no-mundo.aspx>

Um aspecto que se destaca nessa época, é a preferência dos pais pelos filhos do sexo masculino, em função da linhagem, enquanto que nas filhas mulheres a única vantagem que viam eram os dotes, que estavam ligados ao casamento, destacando que este, era uma escolha da família, de acordo com seus interesses.

Já no período Medieval, os pais não se apegavam à criança; pelo alto índice de mortalidade nota-se um sentimento de substituição, pois se uma criança morresse Deus mandaria outra em seu lugar, era a ideia do anjo, um ser frágil, no qual esse tipo de consideração sobrenatural era o que se tinha de mais próximo do “puro” para a época, ou seja, “era como Deus assim quisesse”. Portanto, essa perda era algo natural e que não podia ser muito lamentada, desqualificando totalmente a infância.

Essas perdas, com índices altamente alarmantes de crianças que não chegavam à idade adulta se davam por vários fatores, como aponta Del Priore

[...] o abandono, a alta mortalidade e a doação de crianças, não eram sempre vistos como um tráfico de exploração da infância, mesmo nos países desenvolvidos. Além de originados pelas dificuldades do aleitamento, pela alimentação artificial e pelas más condições de saúde das amas, eram resultados de fatores econômicos, sociais e

até culturais, entre os quais que se destacam aspectos da implantação da urbanização (2002, p. 50).

A duração da infância era muito reduzida. Não se tinha uma clareza dos períodos que hoje caracterizam as crianças (infância, adolescência, idade adulta). A base para isso muitas vezes era a questão física ou até mesmo o nascimento dos dentes. Frente a essa caracterização,

[...] a criança mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude, que talvez fossem praticadas antes da Idade Média e que se tornaram aspectos essenciais das sociedades evoluídas de hoje (ARIÈS, 1981, p. 10).

A partir do século XIV, com o surgimento do Renascimento⁶, já no fim da Idade Média é possível notar mudanças na forma de compreender a infância. Na Europa, nesse momento começam a perceber a criança diferente, surgindo então o sentimento de *papiricação*⁷, a criança como algo engraçadinho, como algo a se admirar. A igreja perdendo a influência, o surgimento da burguesia, mudanças econômicas, guerras (que por consequência aumentavam a mortalidade) tudo se refletia na infância e no modo de enxergar a criança, esse período marca o início da Era Moderna (XVI). Nesse sentido Ariès ressalta;

[...] era reservado à criancinha em seus primeiros anos de vida, enquanto ela era ainda era uma coisinha engraçadinha. As pessoas se divertiam com a criança pequena como com um animalzinho, um macaquinho impudico. Se ela morresse então, como muitas vezes acontecia, alguns podiam ficar desolados, mas a regra geral era não fazer muito caso, pois uma outra criança logo a substituiria. A criança não chegava a sair de uma espécie de anonimato (1981, p. 10)⁸.

Superando a fase de *papiricação*, que durava só os primeiros meses de vida, era comum que a criança fosse morar em outra casa que não fosse a de sua família. Para concluir esse pensamento, Ariès coloca que

[...] as trocas afetivas e as comunicações sociais eram realizadas, portanto fora da família, num “meio” muito denso e quente, composto de vizinhos, amigos, amos e criados, crianças e velhos, mulheres e homens, em que a inclinação se podia manifestar mais livremente (ARIÈS, 1981)⁹.

⁶Movimento cultural que marcou a fase de transição dos valores e das tradições medievais para um mundo totalmente novo.

⁷ Quando as crianças pequenas passam a ocupar um lugar no olhar, na diversão e nas brincadeiras dos adultos.

⁸ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2. ed. Trad. de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.

⁹ Ibid., p. 11.

Inserida essa concepção de papiricação na vida familiar, esta foi difundida pelos europeus colonizadores, que trouxeram seus valores e suas concepções em relação à criança para o Brasil. Como relata Del Priore (2002), as crianças eram tratadas como brinquedos, um divertimento para alegrar a monotonia dos afazeres dos adultos, como uma distração por conta de suas peraltices e cambalhotas. Até mesmo os bebês negros eram “agradáveis” distrações para as mulheres brancas.

Com as reformas religiosas, ocorridas no século XVII, iniciadas com Martinho Lutero¹⁰ (Reforma Protestante) propondo um movimento contra alguns pontos da Igreja Católica como por exemplo a pregação da moral, ameaças de ida para o inferno, vendas de um “pedaço no céu”, enfim, para Lutero, uma reforma contra todo poder exercido pela Igreja numa população não instruída. Em contrapartida, a resposta da Igreja Católica foi a chamada Contra- Reforma ou Reforma Católica, e o resultado de tudo isso foi uma divisão do grupo chamado de católicos e outro de protestantes.

Dentro deste contexto, aparece o sentimento de moralização, num movimento entre moralistas e educadores, com o intuito de direcionar a aprendizagem, e nesta perspectiva, a criança não devia ser nem divertida, nem engraçada e sim ser enquadrada nos padrões morais deste período, ou seja, quietas, obedientes às regras sem questionamentos, entendendo o controle e a ordem como essenciais no trato com as crianças (ARIÈS, 1981).

Ainda no século XVII, com o Iluminismo, movimento intelectual, surgido na Europa, que defendia o uso da razão contra o antigo regime, pregava maior liberdade econômica e política, a cidadania significava ter as luzes do conhecimento, e a Educação um caminho para isso, possibilitando que o sujeito participasse da vida social e viesse ter um posicionamento crítico frente a realidade da vida social. No Iluminismo surgem os princípios liberais da Educação, tais como: a educação sendo um dever do Estado; e educação sendo laica e livre; e a obrigatoriedade e gratuidade do ensino.

Para os filósofos Iluministas a educação não podia ser subordinada a religião, aos interesses jesuítas, tinha que ser laica. A Pedagogia deixando os moldes tradicionais, se tornando capaz de decifrar o segredo da infância e suas capacidades cognitivas, tornando-se experimental com estudos científicos sobre a capacidade de aprendizagem e crescimento físico. A este respeito,

¹⁰Martinho Lutero foi responsável por uma revolução religiosa, subjugando o poder do Papado Católico, o poder de Roma e modificando para sempre o caminho religioso e espiritual na sociedade.

[...] a educação é o meio mais próprio e eficaz para dar vida a uma sociedade dotada de comportamentos homogêneos e funcionais para seu próprio desenvolvimento: é a via melhor para renovar sentido burguês- individual e coletivo ao mesmo tempo- a formação dos indivíduos, subtraindo-a a qualquer casualidade e investindo-a de finalidades também coletivas. A educação recebe cada vez mais em delegação um (ou o) papel chave da sociedade. (CAMBI, 1999, p. 326)

As características de família e de Educação Infantil como se tem hoje, com tantas peculiaridades diferenciando a criança do adulto, só iniciaram-se no século XVIII, com o Iluminismo, que foi um movimento que defendia a educação como o caminho para as luzes do conhecimento, surgindo os princípios da educação que se tem hoje (dever do Estado, laica e livre, com obrigatoriedade e gratuidade).

Não se pode deixar de destacar um aspecto importantíssimo que se evidencia no fim do século XVIII e início do XIX, a questão da Educação Infantil para menores de sete anos. Foi justamente nesse momento que surgiram os Jardins da Infância, no qual a figura de Froebel deixa uma grande contribuição, ainda que somente para a elite. Nesse momento surgem as creches, para os mais pobres, que necessitavam trabalhar e não tinham onde deixar seus filhos.

Friedrich Froebel foi um dos primeiros educadores a considerar que a infância é uma fase decisiva na formação das pessoas. Partia do princípio em que “a criança é como uma planta em fase de formação, exigindo cuidados periódicos para que cresça de maneira saudável” (Froebel, s/d *apud* Ferrari, 2011, p.20). Procurava na infância uma ligação que a igualaria a todas as pessoas, sua essência pura, ainda corrompida pelo convívio social. A atuação da criança nesse contexto deveria ser de independência, liberdade, curiosidade e alegria. Ainda nesse caminho, Froebel coloca a mulher como centro da família, como um ser feito para o lar e não para o trabalho fora de casa. Em uma de suas obras, defende que a mulher deva ser graciosa e que os filhos são o bem mais precioso.

A família nuclear (pai, mãe, filho), surge no início do século XIX, em um ambiente em que os papéis sexuais também se modificam. Eis que aparece um novo sentimento, em relação à criança, o de preservação. A partir daí as perdas já começam a gerar mais sofrimento, pois a base desse sentimento é a questão afetiva. O século terminava, mas o índice de mortalidade ainda era grande; eis então que surge o movimento higienista, tendo como objetivo cuidar da população, educando-a e ensinando-a novos hábitos, o qual refletiria no cuidado infantil, pois estava ocorrendo muitos surtos de doenças como febre amarela, tuberculose. Portanto, esse movimento defendia padrões de vida e de comportamento em prol

da saúde. Visto então por este ângulo, percebe-se que somente com a educação seria possível abrir esse caminho, conforme afirma Gondra:

Para tanto, hospitais, presídios, hospícios, igrejas, cemitérios, quartéis, a casa e a própria escola foram sendo convertidos em pontos estratégicos por intermédio dos quais o programa civilizatório seria posto em funcionamento, conquistando lugares de enunciação, difusão e de práticas a ele associadas (GONDRA, 2010, p. 27).

Trata-se de um sentimento inteiramente novo, os pais passam a se interessar pelo estudo dos filhos. A criança começa a sair do anonimato.



Figura 2 - Inauguração do “Jardim “Arquivo público do Estado de São Paulo.

Fonte: <https://ieccmemorias.wordpress.com/2013/04/02/iecc-memorias-xxx-caracteristicas-do-jardim-da-infancia-da-escola-da-praca/>

Ante a esta conjuntura, durante todo século XX, a valorização da criança começa a tomar proporções significativas, uma vez que tudo começa a ser pensado para garantir a vida da criança, seja, no campo afetivo, educacional e até econômico. Porém, até esse momento, as leis não asseguravam o direito a todas as crianças, sendo que só em 1959, proclamou-se a Declaração Universal dos Direitos da criança, que dizia:

[...] todas as crianças, absolutamente sem qualquer exceção, serão credoras destes direitos, sem distinção ou discriminação por motivo de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento ou qualquer outra condição, quer sua ou de sua família (BRASIL, 1959, p. 1).

Seguindo a essa concepção de valorização da infância, no Brasil a Constituição Federal de 1988, preconiza que a criança tenha direitos nos aspectos voltados à educação, saúde e assistência, sendo a mesma um marco legal no que diz respeito às reivindicações e

defesa dessa ideia. Por conseguinte, à Constituição, é criado o ECA, que é um conjunto de normas brasileiras para proteger a criança e ao adolescente, quando enfim a criança nesse momento é reconhecida como um sujeito de direitos, instituindo bases sólidas de políticas e programas que garantam o desenvolvimento desta criança e do adolescente. O documento não deixa dúvidas

[...] quanto ao anseio da população por mudanças e pela remoção daquilo que se tornou comum denominar, o Código de Menores. A Assembleia Nacional Constituinte referendou a emenda popular que inscreveu na Constituição Brasileira de 1988 o artigo 227, do qual o Estatuto da Criança e do Adolescente é a posterior regulamentação (PAIVA, 2004, p. 8).

Não foi só uma mudança na legislação e sim a expressão de um novo projeto de Nação e de País. Entre os avanços notados no decorrer da história da infância, como essa nova conduta de postura em relação a ela ser percebida como um ser particular e não mais atrelada ao adulto, estão também a queda da mortalidade infantil e o progresso em todos os indicadores na área da educação inclusive a redução do trabalho infantil.

É importante destacar ainda que, a partir deste momento as famílias mudam seu arranjo, assumindo novos contornos, não apenas com a figura paterna como centro das decisões, mas com todos os componentes críticos, capazes de se posicionar na sociedade. Sendo assim, como coloca Pereira (2003), a família passa a não ser mais somente um núcleo econômico e de reprodução e sim agora um espaço com mais amor, companheirismo, sentimento afetivo com relação de respeito a todos os integrantes.

Agora as crianças que são essenciais. Nesse sentido Roudinesco destaca que:

[...] uma criança não pode existir, se desenvolver normalmente sem amor. Mas o amor não basta - é preciso que, ao lado, a palavra lhe seja dada, [...] segundo observações comprovadas, os meninos criados em comunidades em que não haja relações personalizadas, passando pela palavra, o papo, ficam sujeitas a desequilíbrios que podem levar à loucura. Portanto, é necessário um núcleo familiar restrito, digamos quatro pessoas entre homens e mulheres, para que a criança se desenvolva corretamente. No mais, será por causa dos filhos que se frustrarão todas as tentativas de abolição da família, cujo futuro me parece dos mais promissores. Basta ver que, depois de ter sido tanto contestada, ela é desejada por todos agora, talvez mais do que nunca (2003, p.2).

Consegue-se assim verificar através dos elementos apresentados até então, que a família hoje, vê as crianças com características e valores infantis (como devem ser), e com a família e a sociedade se conscientizando do desenvolvimento das mesmas, sendo por este motivo, o século XX considerado o Século da Criança.

Os sentimentos de posse e até entretenimento para os adultos, considerados há séculos atrás, que hoje podem parecer absurdos, toda essa indiferença em relação ao trato com as crianças era tudo absolutamente normal até o século XX. O envolvimento e a afeição da família não foram um processo natural, e sim construído. Na Idade Antiga, por exemplo, o chefe cuidava do grupo e devia ser obedecido por todos. Do período Medieval em diante, não muito diferente, este modelo sofre influências que levam ao estreitamento dos laços afetivos, de forma que se chega nos dias atuais, no qual a infância (atrelada sempre à família), passa a ter um papel diferente e fundamental com esse estreitamento afetivo e de grande importância para o seu desenvolvimento.

A família se molda e se torna apta a ter atitudes sensíveis em relação a criança, que por sua vez, ganha espaço no coração da mesma. Os pais deixaram de ser proprietários e passaram a ser protetores das crianças, o filho que antes era esquecido na sociedade (mini adulto), passa agora ter importância e existência na família, por causa dos cuidados que lhes são dispensados, inclusive os educacionais. Isso porque “para cuidar é preciso antes de tudo estar comprometido com o outro, com sua singularidade, ser solidário com suas necessidades confiando em suas capacidades. Disso depende a construção de um vínculo afetivo entre quem cuida e é cuidado” (BRASIL, 1988, p. 75).

Sendo assim, por volta de 1996/1998, as creches que antes tinham somente caráter assistencial, passam a ter caráter educacional, passando a ser considerado um direito da criança. O objetivo dessa nova identidade de cuidar e educar, passa oferecer um desenvolvimento pleno, sem se importar com a sua origem econômica. A vaga deve ser garantida por lei e o não atendimento é considerado uma violação do direito a educação. Porém os pais ainda não são obrigados a matriculá-los nessa fase. As novas funções para a Educação Infantil, o cuidar e o educar, devem estar associados e com padrões de qualidade (BRASIL, 1988).

Se faz necessário a integração do cuidar e do educar para que se atinja o objetivo da formação integral da criança e para isso é preciso atitudes e métodos baseados em procedimentos específicos sobre o desenvolvimento biológico, emocional e intelectual das crianças, levando em consideração as diferentes relações socioculturais (BRASIL, 1988). Torna-se fundamental a participação e a competência dos profissionais atuantes nas creches, pois apesar dessa valorização do caráter pedagógico, o pensamento compensatório e assistencial e a recusa da lei se mantêm presentes, muitas vezes, de forma implícita para muitas pessoas. Sabe-se que a lei especifica os cuidados com a higiene, saúde, alimentação, mas devemos nos conscientizar que as funções da creche vão além; contribuem para o

desenvolvimento infantil, sua cultura, do apoio a família, da socialização para a inserção dessa criança na sociedade. A creche tem de ser vista como um momento de aprendizagem em todos os sentidos cumprindo a função pedagógica para uma vida de autonomia e cooperação, como mostra a foto abaixo;



Figura 3 - Crianças hoje.

Fonte: <http://casamento.culturamix.com/curiosidades/como-ajudar-na-adaptacao-escolar-dicas-para-que-seu-filho-se-ajuste-a-escola>

1.1 Alguns marcos legais e referenciais didáticos na Educação Infantil.

A educação infantil atende crianças de zero a cinco anos, na primeira fase do desenvolvimento de zero a três anos, as crianças são acolhidas na creche, ou instituições equivalentes. Se faz importante destacar alguns marcos, pois antes, as crianças nas creches, passavam o dia alimentadas e limpas, seguras em suas salas. Hoje já não se admite uma Educação Infantil nesses moldes, uma vez que existem propostas pedagógicas consistentes, para que se promova o desenvolvimento, tudo sempre levando em consideração a organização do tempo, do espaço e dos materiais em função das características de cada faixa etária.

Como foi ressaltado, o amparo da Constituição de 1988, bem como a proposta do ECA estão surtindo efeitos positivos no trato com as crianças atualmente.

Atendendo as exigências da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.9394/96, as creches passaram a integrar o Sistema Municipal de Educação, deixando assim de ter um caráter assistencialista, e passou a ter um caráter educativo. As instituições de Educação Infantil, agora comprometidas com o desenvolvimento integral da criança, nos

aspectos físico, motor, intelectual, afetivo e social, compreendendo a criança como um ser total, completo. Essa valorização da infância pode ser entendida no documento do ECA quando Craidy afirma que a legislação voltada à criança e ao adolescente:

Explicitou melhor cada um dos direitos da criança e do adolescente bem como os princípios que devem nortear as políticas de atendimento. Determinou ainda a criação dos Conselhos da Criança e do adolescente e dos Conselhos Tutelares. Os primeiros devem traçar as diretrizes políticas e os segundos devem zelar pelo respeito aos direitos das crianças e dos adolescentes, entre os quais o direito à educação, que para as crianças pequenas incluirá o direito a creches e pré-escolas (CRAIDY, 2001, p.24).

Ainda nessa perspectiva, importa ressaltar que a LDBEN, em consonância com a Constituição Federal de 1988, no seu artigo 2º aponta que:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1996, p. 1).

Com tantas intenções voltadas para o desenvolvimento integral das crianças, outra política criada foi o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, disposto em três volumes. Este veio como uma nova organização curricular para a educação Infantil. Tais referenciais também são um marco significativo em termos de reforço para a qualidade da aprendizagem. Tal ideia se firma quando se apresenta a proposta de que, “as crianças possuem natureza singular, que as caracterizam como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio” (BRASIL, 1998,p.21), ou seja, edificam seu conhecimento em todo processo de construção das aprendizagens.

Esse conjunto de reflexões proposto nos Referenciais Curriculares, com objetivos e orientações para os educadores foi instituído a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), n. 9394/96 e preconiza que deva ser seguido com esse intuito, das reflexões e análises e não como um manual. Como foi ressaltado, os Referenciais estão organizados em três volumes: o primeiro conduz discussões sobre creches e pré-escolas, infância, educação, etc.; o segundo trata da construção da identidade e autonomia das crianças; o terceiro traz eixos como Movimento, Música, Artes visuais, Linguagem oral e escrita, Natureza e sociedade e Matemática.

No volume 1, Introdução ao Referencial, traz de forma muito clara de que se espera da Educação Infantil hoje, que o assistencialismo fique no passado, assim;

Modificar essa concepção assistencialista significa atentar para várias questões que vão muito além dos aspectos legais. Envolve, principalmente, assumir as especificidades da educação infantil e rever concepções sobre a infância, as relações entre as classes sociais, as responsabilidades da sociedade e o papel do Estado diante das crianças pequenas (BRASIL, 1998 p. 17).

Portanto, tem-se um vasto campo para o trabalho com a Educação Infantil, com muitos desafios no que diz respeito à compreensão de cada etapa do desenvolvimento das crianças, cabendo ao profissional competente realizar esse trabalho com ações estimuladoras para cada fase do desenvolvimento infantil, garantindo a aprendizagem integral das crianças. Segundo Vygotsky, cada fase do desenvolvimento da criança tem sua importância, e não se pode pular nenhuma delas, visto que;

Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social e, sendo dirigidas a objetivos definidos, são refratadas através do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto até a criança passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social (VYGOTSKY, 1984, p. 33).

Conseqüentemente, para que ocorra um atendimento de qualidade nas instituições de Educação Infantil, permeada pelo cuidar e o educar, é essencial a formação dos profissionais que atuam na referida etapa de ensino, tendo por objetivo o conhecimento específico das fases de desenvolvimento infantil, visto que, a educação atua em todos os estágios do desenvolvimento humano, sendo, portanto, um instrumento também de transformação. Frente a esta realidade destaca-se a importância do lúdico no espaço da Educação Infantil como aspecto crucial para o desenvolvimento da criança, pois

Ao entender a educação como um processo historicamente produzido e o papel do educador como agente desse processo, que não se limita a informar, mas ajudarem pessoas a encontrarem sua própria identidade de forma a contribuir positivamente na sociedade e que a ludicidade tem sido enfocada como uma alternativa para a formação do ser humano pensamos que os cursos de formação deverão se adaptar nessa nova realidade (SANTOS, 1997, p.13).

Ante as considerações propostas, conclui-se assim que, por meio do resgate histórico da concepção de infância, foi possível perceber ao longo da trajetória da humanidade até a atualidade, a evolução dos direitos da criança. Em vista disso, na sequência, pretende-se trazer uma reflexão quanto à formação e o desenvolvimento previamente inato ao ser humano, bem como as fases evolutivas da criança de zero a três anos.

CAPÍTULO 2

DESENVOLVIMENTO GLOBAL NA PRIMEIRÍSSIMA INFÂNCIA – CONCEITOS, NECESSIDADES E FATORES ESSENCIAIS

A primeira infância é uma importante etapa na vida do ser humano, as vivências e experiências dessa época acompanham a pessoa até o resto da vida. É nessa fase tão considerável que as crianças passam por processos de desenvolvimento interessantes, com características específicas em cada fase, sendo estas a nível físico, cognitivo, emocional e social.

Estudos apontam que quanto melhores forem as condições para o desenvolvimento na primeira infância, a probabilidade da criança ser um adulto equilibrado, produtivo e realizado, serão bem maiores. Nesse sentido, o desenvolvimento infantil deve acontecer de uma forma global trabalhando-se todos os aspectos responsáveis pelo seu aperfeiçoamento, assim no que tange ao desenvolvimento motor, ressalta-se que ele acontece na medida em que o indivíduo cresce e começa a ganhar controle de seu corpo. Em relação ao desenvolvimento cognitivo, evidencia-se que o cérebro de um bebê é 250 vezes mais ativo que o de um adulto, além disso, os bebês são muito sensíveis às emoções e a socialização com o outro, sendo esta, uma fonte excelente de estimulação e aprendizagem, ampliando dessa forma a capacidade de construir ao longo dos anos sua própria identidade. Por tudo isso, se faz necessário conhecer como se desenvolvem, para que se possa auxiliar e estimular adequadamente sem que seja exigido algo inadequado para cada etapa desse desenvolvimento.

De acordo com a teoria psicogenética, a criança:

[...] procura ativamente compreender o mundo que a rodeia e trata de resolver as interrogações que este mundo provoca. É um sujeito que aprende basicamente através de suas próprias ações sobre os objetos do mundo e que constrói suas próprias categorias de pensamento ao mesmo tempo que organiza seu mundo (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 29).

Dentro deste contexto, Piaget coloca que o lado afetivo não diz respeito apenas as emoções e sentimentos, mas também envolvem as vontades da criança, suas adaptações. Ressalta também que afeto e inteligência se diferem e se interligam, assim o papel da afetividade para Piaget é funcional na inteligência. Assim, “a afetividade seria como a gasolina, que ativa o motor de um carro, mas não modifica sua estrutura” (PIAGET, 2001, p.5).

Quanto a individualidade, cada criança é um ser único, sendo necessário que se respeite o tempo de desenvolvimento de cada um, pois não existe uma regra absoluta. Enquanto uma criança aprende de um jeito, a outra a aprende de forma completamente distinta. Assim, é muito importante que se saiba respeitar o ritmo de cada criança, preparando para isso estratégias de ensino que privilegiem cada etapa. Não há certo ou errado, é tudo uma questão de respeitar as diferenças.

Segundo Wallon “a criança deve ser estudada em suas diferentes etapas de desenvolvimento que estão caracterizadas pelas funções afetivas, do ato motor e do conhecimento, e assim entendendo seu desenvolvimento pelo meio social” (WALLON, 1986 *apud* VOKOY, PEDROZA, 2005, p. 96).

Para que se possa compreender o desenvolvimento da criança na fase de zero a três anos, se faz necessário compreender como se dão essas mudanças, pois as fases de desenvolvimento são os capítulos da vida que começa a ser escrita antes mesmo do nascimento.

Todas essas transformações e etapas devem ser consideradas como um meio de melhor compreender a criança. Nesse sentido, é de suma importância que o educador conheça como ocorre o desenvolvimento infantil nos aspectos físico, cognitivo, social e afetivo para propiciar uma melhor qualidade no processo ensino-aprendizagem das crianças.

2.1 Desenvolvimento físico-motor da criança de 0 a 3 anos

Inicialmente deve-se destacar dois aspectos do desenvolvimento físico: o princípio cefalocaudal¹¹, que estabelece o começo do desenvolvimento da cabeça para as partes baixa do corpo e o princípio próximo distal, no qual o desenvolvimento se dá da parte central para as partes externas. Destaca-se também os reflexos primitivos, que são uma resposta involuntária de algum estímulo do meio, que desaparecem até o primeiro ano de vida, como por exemplo o de sucção. Já outros reflexos os que oferecem proteção ao sujeito, como é o caso do bocejar, tossir, piscar, arrotar permanecem até o fim da vida.

Nesse sentido Oliveira diz:

Os bebês nascem com estruturas pré-adaptadas para iniciar, manter e terminar interações com parceiros humanos e realizam, desde o nascimento, verdadeira atividade de pesquisa do real, o qual constantemente põe a prova. Os bebês procuram modular seus meios de expressão, mesmo os mais rudimentares (gritos,

¹¹Controle muscular que ocorre da cabeça para os pés.

gesticulações), para obter satisfação de suas necessidades fisiológicas, afetivas e cognitivas e construir significados (OLIVEIRA, 2002, p.137).

Piaget, em seus estudos, aponta que os movimentos são construídos pelo sujeito, que dependem tanto do biológico, quanto do psicológico de cada indivíduo, como também o meio em que vive, ou seja, ele chama de esquemas de ações “[...] o que, numa ação é assim transponível, generalizável ou diferenciável de uma situação a seguinte, ou seja, o que há de comum nas diversas repetições ou aplicações da mesma ação” (PIAGET, 1973, p.16).

Nesta perspectiva, completando o estudo de Piaget, Freire (2010, p.20) coloca que: “[...] o ser humano é uma entidade que não se basta por si. Parte do que ele precisa para viver não está nele, mas no mundo fora dele”, como por exemplo, o ato de respirar.

Como já é sabido, a formação do cérebro começa desde muito cedo, antes mesmo do nascimento (ainda no estágio embrionário) e de acordo com Cuminale (2015), passam por etapas de desenvolvimento, sendo que até o terceiro mês (após o nascimento), as principais áreas do cérebro ativadas; tronco cerebral, cerebelo e tálamo, que são responsáveis pelos reflexos, bem como as regiões sensoriais; tato, audição visão e o sistema límbico (relacionado as emoções). O desenvolvimento dessas áreas faz com que o bebê sinta o cheiro do leite da mãe, diferencie músicas de tons de voz, começa a sustentar a cabeça. Tais estímulos levam a bebê a conversar e cantar, já que a voz proporciona prazer e tranquilidade; na hora da amamentação dar carinho, para que este se sinta acolhido. Deve-se nesta fase evitar ambientes barulhentos e ter uma rotina.

Nesse sentido Oliveira diz,

De início o recém-nascido apenas pode diferenciar seu próprio corpo do mundo que o rodeia. Depois toma a si mesmo como referência para perceber o entorno. Ao movimentar o corpo no espaço, recebe informações próprio perceptivas (sinestésicas, labirínticas) e externo perceptivas (especialmente visuais) necessárias para interpretar e organizar as relações entre os elementos, formulando uma representação daquele espaço (2002, p. 148).

Já no período entre quatro e seis meses de idade, as principais áreas do cérebro a serem ativadas são: córtex pré-frontal, córtex cingulado anterior e amígdala (relacionados às características psicológicas) e córtex frontal (funções executivas). Nessa fase, o bebê leva as mãos a mamadeira, acaricia os seios da mãe, interage mais com a mãe ou com o pai, fixa o olhar e segue objetos e pessoas. Como as condições visuais também progredem, sorri quando está em contato com os familiares.

A estimulação ocorre nos momentos de conversa e busca de respostas a partir da interação com brincadeiras do tipo: “Cadê, Achou!”. Seguindo essa linha, é importante também proporcionar estímulos sensoriais com brinquedos e texturas diferentes e investir em objetos para chupar e morder, já que as condições motoras se desenvolvem da cabeça até os pés.

Entre dez e doze meses as principais áreas do cérebro ativadas são córtex motor (atividade motora), lobos frontal e temporal (onde estão as áreas dominantes para a linguagem). Nessa etapa o bebê fica de pé, primeiro com apoio, depois sem segura e aponta objetos, diz uma ou duas palavras (mamãe, papai), começa a entender o significado de causa e efeito (eu choro a mamãe chega) e gosta de imitar os pais. Os principais estímulos são mostrar livros com ilustrações, dar brinquedos para puxar e empurrar (como carrinhos); brinquedos que estimulem a imaginação da criança (bonecos e fantoches); colocar a criança de pé com a ajuda de um apoio.

Ainda segundo o autor, entre um e dois anos as principais áreas do cérebro ativadas: córtex pré-frontal (funções cognitivas avançadas). A criança é capaz de: bater palmas coordenadas ao ouvir uma música, receber e jogar a bola; tem linguagem mais refinada, com o aumento do vocabulário e construção de frases; brinca com os familiares; interessa-se por outras crianças e por brincar com elas, mas também brinca só. Atende ordens dadas pelos pais; tenta comer sozinha; já se reconhece no espelho; anda sozinha, gosta de canções infantis e pede para repeti-las.

Dentre os principais estímulos estão: contar histórias e nomear figuras em livros para ajudar a criança a aprender; estimular a socialização com outras crianças, pois a:

Ampliação do universo discursivo das crianças também se dá por meio do conhecimento da variedade de textos e de manifestações culturais que expressam modos e formas próprias de ver o mundo, de viver e pensar. Músicas, poemas, histórias, bem como diferentes situações comunicativas, constituem-se num rico material para isso. Além de propiciar a ampliação do universo cultural, o contato com a diversidade permite conhecer e aprender a respeitar o diferente. (BRASIL, 1998, p. 139).

Na atividade de estimulação - desenvolvimento - estimulação, o início e o término de cada uma delas depende das características biológicas do indivíduo e dos fatores educacionais e sociais, pois,

[...] embora um bebê aos seis meses de idade seja capaz de se levantar quando está sentado e outro só consiga fazê-lo aos onze meses, ambos conseguem levantar o queixo antes de erguer o peito, ambos se sentam com apoio antes de se sentar

sozinhos e ambos ficam de pé antes de andar. Basicamente, as crianças aprendem movimentos simples antes dos complicados (PAPALIA; OLDS, 1998, p. 143)¹².

Ainda, segundo o autor, a maioria dos indivíduos passam por essas fases ou períodos nessa sequência (Quadro 1), porém a divisão das fases nessa faixa etária pode variar de indivíduo para indivíduo.

Quadro 1 - Etapas do desenvolvimento infantil físico-motor.

Físico-motor	
Zero a três meses:	- Áreas do cérebro ativadas: tronco cerebral, cerebelo e tálamo; - Bebê sente o cheiro do leite da mãe, começa sustentar a cabeça.
Quatro e seis meses	- Córtex pré-frontal – córtex cingulado – córtex frontal; - Leva as mão a mamadeira, interage com os pais, segue objetos, sorri quando está em contato com familiares.
Sete a nove meses	- Lobos parietal, temporal, occipital e frontal; - Balbucia, atende seu nome, senta-se sem apoio.
Dez a Doze meses	- Córtex motor, lobos frontal e temporal; - Fica em pé, segura e aponta objetos, dizem algumas palavras.
Entre um e dois anos	- Córtex pré-frontal (funções cognitivas avançadas); - Bate palmas coordenadas, linguagem refinada.
Entre dois e três anos	- Lobos frontal, temporal, parietal, áreas pré-frontal e límbicas; - Faz perguntas o tempo todo, planeja ações.

Fonte: Cuminale (2015, p.81-87).

2.2 Desenvolvimento intelectual

O desenvolvimento intelectual se define quando a criança apresenta a capacidade de pensar e entender o mundo.

Todo ser humano nasce com habilidade para aprender e essa capacidade é adquirida com a experiência, porém, essas atividades só se desenvolvem quando a criança está pronta, e

[...] certas capacidades motoras, neurológicas e sensoriais devem estar presentes, antes de a aprendizagem relacionada acontecer. É a importância da maturação, o aparecimento de padrões de comportamento, em uma sequência biologicamente determinada, relacionada com a idade (PAPALIA; OLDS, 1998, p.177).

Segundo os autores, existe a aprendizagem por habituação e por condicionamento. Na aprendizagem por habituação a criança é exposta a um certo estímulo, que resulta em uma resposta. Um exemplo que ele cita, são as mamadas dos bebês que “[...] irá parar de mamar

¹² PAPALIA, Diane; OLDS, Sally Wendkos. *O Mundo da Criança*. Da Infância à Adolescência. 2. ed.. Trad. Maria Lúcia G.L. Rosa. São Paulo: Markon Books, 1998.

quando algum estímulo for apresentado. Depois de algumas vezes ao habituar-se ao estímulo, perde-se essa novidade e ele continuará a mamar” (PAPALIA; OLDS, 1998, p. 178)¹³. Já a aprendizagem por condicionamento, que se subdivide em clássico e operante. No condicionamento clássico, a criança aprende a responder automaticamente um estímulo, que não provoca resposta, como uma previsão, já no condicionamento operante a criança emite uma resposta para produzir determinado efeito.

Ambas aprendizagens podem ocorrer separadamente ou combinadas, assim como existem também outras formas de aprender, visto que as crianças aprendem observando e imitando modelos (a aprendizagem social) [...] as crianças aprendem muitas habilidades complicadas através de uma combinação de tipos diferentes de aprendizagem e crescimento natural, ou maturação. (PAPALIA; OLDS)¹⁴.

Nas diferentes ideias sobre a cognição e a aprendizagem na criança, Freire (2010), também faz sua colocação no que se refere às posturas e compreensões do aspecto do “pensar”, racionalmente expondo que

[...] pensar é mais ou menos como fazer uma viagem: uma viagem pelo mundo da imaginação, cujo cenário são as imagens das pessoas, objetos, números, letras conceitos...Enfim de alguma maneira esse cenário é composto com o material das próprias ações corporais (FREIRE, 2010, p. 112).

Para Freire, pensar se aprende pensando. Nessa viagem que ele descreveu, a criança vai por esse caminho tantas vezes quantas forem necessárias para compreender as ações do meio.

Seguindo essa linha e partindo de um estudo detalhado de seus próprios filhos, a abordagem de Piaget, em relação cognitiva, traz que o processo do crescimento do pensar faz com que o indivíduo o use para o crescimento sobre o mundo. Suas observações deram base para o que seria a primeira fase do desenvolvimento cognitivo o estágio sensório motor; período este em que os pequenos aprendem por seu próprio desenvolvimento sensorial, procurando assimilar informações, aprendendo com o erro na resolução dos problemas.

Ao se falar de desenvolvimento intelectual, deve-se destacar o aparecimento da linguagem. Para Oliveira “é a necessidade de comunicação que impulsiona, inicialmente, o desenvolvimento da linguagem” (1999 p. 42). Essa comunicação pode se dar de várias formas, como gestos, símbolos, sinais.

¹³ PAPALIA, Diane; OLDS, Sally Wendkos. *O Mundo da Criança*. Da Infância à Adolescência. 2. ed.. Trad. Maria Lúcia G.L. Rosa. São Paulo: Markon Books, 1998.

¹⁴ Ibid., p. 180.

Nos primeiros anos de vida a criança em seu desenvolvimento de pensamento, tem a fase pré-verbal - no qual ainda não possui a capacidade de falar; e a pré-intelectual - fase anterior à formação do intelecto. Ambas formam uma junção nesse processo de desenvolvimento, com claras influências no desenvolvimento da linguagem. (CARDOSO, 2003).

O Quadro 2 abaixo, apresenta algumas das principais características do desenvolvimento da linguagem.

Quadro 2 - Principais características do desenvolvimento da linguagem.

IDADE (meses)	PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM
0 a 3	<ul style="list-style-type: none"> -Vocalizações (repetições de vogais e sons guturais) não linguísticas. Essas produções têm pouca influência da língua-mãe; - Sorriso reflexo; - Apresenta movimentos corporais bruscos ou acorda ao ouvir estímulo sonoro; - Aquieta-se com a voz da mãe; - Procura fonte sonora com movimentos oculares.
3 a 6	<ul style="list-style-type: none"> - As vocalizações começam a adquirir algumas características de linguagem, ou seja, entonação, ritmo e inicia-se a modulação de ressonância; - A fase de lalação aparece por volta dos 3 a 4 meses e se distingue por sua fonação lúdica. A criança sente prazer em balbuciar (brincar com os órgãos fono-articulatórios); - Para de chorar ao ouvir música; - Começa a voltar à cabeça em direção a um som lateral e próximo.
6 a 9	<ul style="list-style-type: none"> - Pré-conversaão. A criança vocaliza principalmente durante os intervalos em que é deixada livre pelo adulto, e também encurta suas vocalizações para dar lugar as respostas do adulto; - Localiza diretamente a fonte sonora lateralmente e indiretamente para baixo; - Responde quando chamada; - Repete sons para escutá-los.
9 a 12	<ul style="list-style-type: none"> - Localiza diretamente a fonte sonora para baixo; - Reage paralisando a atividade quando a mãe fala "não"; - Vocaliza na presença de música; - Compreende algumas palavras familiares, por ex.: "mamãe", "papai", "nenê"; - Compreende ordens simples, por ex.: "bate palmas" e dar "tchau"; - Vocalizações mais precisas e melhor controladas quanto a altura tonal e a intensidade. Agrupa sons e sílabas repetidas `a vontade; - Pede, recebe objetos e oferece-os de volta; - Usa gestos indicativos; - Surge a primeira palavra, muitas vezes não inteligível.
12 a 18	<ul style="list-style-type: none"> - Surgem as primeiras palavras funcionais que, em geral, se dá um prolongamento semântico, por ex.: chama "cachorro" a todos os animais; - Crescimento quantitativo de compreensão e produção de palavras; - Localiza fonte sonora indiretamente para cima; - Gosta de música; - Compreende verbos que representam ações concretas (dá, acabou, quer);

	<ul style="list-style-type: none"> - Identifica objetos familiares através de nomeação; - Identifica parte do corpo em si mesma; - Utiliza-se de palavra-frase (usa uma palavra que corresponde a um enunciado completo); - Repete palavras familiares; - Tenta contar.
18 a 24	<ul style="list-style-type: none"> - Surgimento de frases de dois elementos; - Localiza fonte sonora em todas as direções; - Presta atenção e compreende estórias; - Identifica parte do corpo no outro; - Inicia o uso de frases simples; - Usa gesto representante; - Usa o próprio nome.
2 a 3 anos	<ul style="list-style-type: none"> - Iniciam-se sequências de três elementos, por ex.: "nenê come pão" (fala telegráfica; - Aponta gravura de objeto familiar descrito por seu uso; - Identifica objetos familiares pelo nome e uso; - Aponta cores primárias quando nomeadas (vermelho, azul, amarelo...); - Compreende o "Onde? " "Como?" - Pergunta o que? - Nomeia ações representadas por figuras; - Refere-se a si mesmo na 3ª pessoa; - Combina objetos semelhantes; - Constitui frase gramatical simples (com verbos, preposições, adjetivos e advérbio de lugar). A partir dos três anos aumenta extraordinariamente o número de vocábulos da criança e espera-se que até os cinco anos ela tenha domínio de todos os fonemas da língua.

Fonte: Cardoso (2003, p. 1).

Como se pode notar, o desenvolvimento da linguagem amplia as possibilidades da criança, sendo decisivo para seu processo evolutivo tanto na aquisição de sua cultura, quanto no desenvolvimento de suas relações com o outro, ou seja, no seu meio de vivência social.

2.3 Desenvolvimento social

Bom seria se conseguissem realizar tudo que se quiser, e é claro que para uma criança isso não seria diferente. Entretanto, existem normas das quais o ser humano deve se adequar e seguir para que se viva em harmonia em uma sociedade. Por esse ângulo, Freire descreve que:

[...]o homem é um ser social. Para se chegar a isso, no entanto, deve-se levar em conta o tempo de maturação biológica, as coordenações espaços-temporais, a formação da imagem corporal, o desenvolvimento do pensamento, dos sentimentos... e muitas outras atividades cooperativas que não podemos esperar de crianças pequenas (FREIRE, 2010, p. 144)¹⁵

¹⁵FREIRE, Paulo, *Educação de corpo inteiro*. Teoria e prática da Educação Física. São Paulo: Scipione, 2010.

Ainda, segundo o autor, o comportamento social das crianças na primeira infância é um pouco egocêntrico. “Tudo gira ao seu redor e depende delas” (FREIRE, 2010, p. 144)¹⁶. Os indícios do comportamento social de uma criança podem ser notados desde muito cedo, principalmente se forem observados seus atos nas brincadeiras e com os brinquedos. Partindo dessa ideia, Papalia e Olds (1998), definem como base da personalidade e do desenvolvimento social, as emoções. A emoção está presente no indivíduo desde o nascimento, por exemplo, o choro, sabe-se que quando acontece, há um descontentamento por parte da criança.

Nesse sentido, o desenvolvimento emocional depende de muitos fatores, sendo alguns deles inatos e visíveis ao nascimento e outros que aparecem depois de algum tempo. E é ainda processo dinâmico de desenvolvimento, no qual vão aprendendo com o mundo, em todo esse processo de descoberta, como ressaltam os autores: “O momento em que ocorrem pode surgir de um relógio biológico da maturação do cérebro, que desencadeia sentimentos específicos em diferentes idades” (PAPALIA; OLDS, 1998, p. 225). Complementam ainda que, “os bebês são confrontados com muitas situações que não entendem e que não sabem responder, aprendendo as reações emocionais quando começam a julgar as possíveis consequências de seus atos”. (PAPALIA, OLDS, 1998, p.236).

É aqui a importância da família nesse contexto, pois no passado as pesquisas enfocavam na mãe e na criança, e hoje os estudos ampliam para outros vínculos (irmão, irmã, avó), ou qualquer outra pessoa que cuide dessa criança.

Sobre a importância do afeto familiar o autor Neto (2001, p. 11 diz que:

[...] é no decorrer dos primeiros anos de vida que se procede às verdadeiras aquisições nos diversos domínios do comportamento (afetivo, psicomotor e cognitivo), visto se a fase em que ocorrem as mudanças mais significantes, que determinam em grande escala as futuras habilidades específicas de comportamento.

Seguindo esse contexto, da importância dessas interações e estímulos precoces desde os anos iniciais é que Freud¹⁷ traz à psicologia quando menciona a experiência que a infância tem como uma forte influência sobre a personalidade adulta. Assim também o faz Cloninger ao ressaltar o papel da família e cuidadores, “o desenvolvimento da personalidade envolve uma série de conflitos entre o indivíduo, que quer satisfazer os seus impulsos instintivos, e o

¹⁶ Ibid., p. 144.

¹⁷Sigmund Freud: Médico Neurologista criador da Psicanálise.

mundo social, principalmente a família, que restringe este desejo” (CLONINGER, 1999, p. 55).

Nota-se que a família, historicamente, acompanha o desenvolvimento da criança, e desempenha um importante papel. A esse respeito,

[...] o mundo familiar mostra-se numa vibrante variedade de formas de organização, com crenças, valores e práticas desenvolvidas na busca de soluções para as vicissitudes que a vida vai trazendo. Desconsiderar isso é ter a vã pretensão de colocar essa multiplicidade de manifestações sob a camisa-de-força de uma única forma de emocionar, interpretar, comunicar (CARVALHO, 1995, p. 27).

A família ao longo do tempo, não se dissociou da vida social da criança, e como dito no capítulo anterior agora tem o respaldo do Governo, que segundo acrescenta o mesmo autor,

[...] o exercício vital das famílias é semelhante às funções das políticas sociais: ambas visam dar conta da reprodução e da proteção social dos grupos que estão sob sua tutela. Se, nas comunidades tradicionais, a família se ocupava quase exclusivamente dessas funções, nas comunidades contemporâneas elas são compartilhadas com o Estado pela via das políticas públicas (CARVALHO, 2005, p. 267).

Também é possível notar a importância do papel desempenhado pelas creches, no posicionamento da questão da interação social da criança, pois nesse processo ela é levada a descentrar seu egoísmo, tendo uma visão objetiva dos acontecimentos ao seu redor. Para a teoria Piagetiana¹⁸ todo o desenvolvimento é caracterizado por um contínuo processo de descentração, ou seja, de um estado de egocentrismo inicial, para uma objetividade sempre crescente, assinalada por coordenações cada vez mais numerosas (CUNHA, 1973).

Brincar pode ser considerada uma das atividades fundamentais no desenvolvimento da identidade e da autonomia, pois, na criança o fato de poder se comunicar, desde muito cedo, por meio de gestos e sons e mais tarde conseguir representar seus papéis na brincadeira, faz com que ela desenvolva sua imaginação, posto que, nas brincadeiras as crianças são capazes de:

[...] desenvolver capacidades importantes, tais como, a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais (BRASIL, 1988, p. 22).

¹⁸Método de educação realizado por Jean Piaget.

Dentro desse contexto, pode-se notar a relevância da Educação Infantil ao trabalhar com o brincar de diversas formas, muito além do apenas “cuidar”, possibilitando assim um desenvolvimento integral social, cognitivo e motor dentro dos parâmetros exigidos pelas leis.

Por tudo isso, faz-se notar o quanto é importante o papel do educador num ambiente estimulador, transformador e dinâmico para a aprendizagem das crianças. Decorrendo dessas dissertações, prosseguir-se-á na reflexão e argumentação de como buscar esse ambiente instigador, apresentando também tipos de brincadeiras correspondentes as fases de desenvolvimento pertencentes a primeiríssima infância.

CAPÍTULO 3

O BRINCAR E A EDUCAÇÃO, E A IMPORTÂNCIA NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA

Como já tratado anteriormente, através do lúdico a criança pode encontrar o equilíbrio entre o real e o imaginário, sendo o brincar de grande importância no desenvolvimento infantil, produzindo situações significativas no decorrer desse processo. Então:

[...] brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver capacidades importantes tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais (BRASIL, 1998, p. 22).

Segundo o Referencial Curricular para a Educação Infantil (RCNEI), para que haja o desenvolvimento pleno da criança, é necessário que ela brinque e tenha prazer no brincar. Mesmo assim, ainda hoje se vê algumas instituições preocupadas apenas com a alfabetização, porém, segundo Freire (1997, p. 20) “de nada vale esse enorme esforço para alfabetização se a aprendizagem não for significativa”. E o significado nessa primeira fase da vida, depende mais do que qualquer outra coisa, da ação corporal.

A essa ação corporal, pode-se destacar que; a partir da creche, é possível realizar atividades como agachar e sentar num banco, saltar, correr, lembrando que cada criança é um ser único, e é preciso respeitar o tempo de desenvolvimento de cada um, assim como cada faixa etária, como já discutido no capítulo anterior.

A esse respeito Wallon nos diz:

Entre um e três anos, o desenvolvimento atravessa um período sensório motor/projetivo, isto é, sensorial e simbólico. Ele tem fome de espaço explorável e objetos manipuláveis, que permitam os avanços da autonomia motora. Brincar de andar, de pular, brincar de subir e descer, de pôr e tirar, de empilhar e derrubar, de fazer e desfazer, de criar e destruir. Educar nesse momento é sinônimo de preparar o espaço adequado, o espaço “brincável”, isto é, explorável (WALLON 1986 apud KISHIMOTO, 1986, p.117, grifo do autor).

Assim, aos poucos, a creche vem tomando consciência da importância de se preparar um ambiente que vise à formação integral da criança. Por isso, o ambiente, o espaço, e tudo que for desenvolvido nele deve estar inteiramente preocupado com a criança, pois: “Há o

momento da coordenação motora, outra para o corpo, outra para desenvolver o raciocínio, outro para a linguagem, brincadeiras com orientação e a não direcionada” (FRIEDAMNN, 2012, p.44).

Nas creches, até um tempo atrás, as crianças passavam o dia alimentadas e limpas, seguras em suas salas, hoje em dia não é possível uma educação infantil apenas nesses moldes, já que existem propostas pedagógicas consistentes, para promover o pleno desenvolvimento da criança, sem deixar de levar em consideração a organização do tempo, do espaço e do material a ser utilizado, considerando cada faixa etária, numa junção, pois não há como educar sem o cuidar e vice-versa.

3.1 O dia a dia nas creches: algumas considerações sobre tempo e espaço

Além dos cuidados com a segurança e a saúde, é necessário planejar a rotina da escola, de maneira que não se separe o brincar do aprender, já que para os pequenos, tudo na vida é uma grande brincadeira. A creche deve ser um espaço acolhedor, bonito, pertinente, ter finalidade educativa, e acima de tudo segura para que ocorra a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças. Nesse sentido, Forneiro (1998, p. 233) coloca que esse espaço constitui-se:

Como um todo indissociável de objetos, odores, formas, cores, sons e pessoas que habitam e se relacionam dentro de uma estrutura física determinada que contenha tudo e que, ao mesmo tempo, é contida por todos esses elementos que pulsam dentro dele como se tivessem vida. [...] o ambiente “fala”, transmite sensações, evoca recordações, passa-nos segurança ou inquietação, mas nunca nos deixa indiferentes (Grifo do autor).

Nesta mesma concepção Barbosa (2006, p. 119) diz que, “um ambiente é um espaço construído, que se define nas relações com os seres humanos por serem organizado simbolicamente pelas pessoas responsáveis pelo seu funcionamento e também pelos seus usuários”. Completando ainda as duas definições de espaço físico, este é também o lugar de desenvolvimento de múltiplas habilidades e sensações e, a partir de sua riqueza e diversidade, ele desafia permanentemente aqueles que o ocupam, pois segundo Barbosa é um desafio que “[...] constrói-se pelos símbolos e pelas linguagens que o transformam e o recriam continuamente(2006,p. 119)”.

A organização do espaço na Educação Infantil tem que estar voltada para o real interesse e objetivos do desenvolvimento integral da criança. Dessa forma:

Organizar o cotidiano das crianças da Educação Infantil pressupõe pensar que o estabelecimento de uma sequência básica de atividades diárias é, antes de mais nada, o resultado da leitura que fazemos do nosso grupo de crianças, a partir, principalmente, de suas necessidades. É importante que o educador observe o que as crianças brincam como estas brincadeiras se desenvolvem, o que mais gostam de fazer, em que espaços preferem ficar, o que lhes chama mais atenção, em que momentos do dia estão mais tranquilos ou mais agitados. Este conhecimento é fundamental para que a estruturação espaço-temporal tenha significado. Ao lado disto, também é importante considerar o contexto sociocultural no qual se insere e a proposta pedagógica da instituição, que deverão lhe dar suporte (BARBOSA; HORN, 2001, p. 67).

Falando ainda sobre os espaços, agora especificamente sobre os bebês, as educadoras alertam que “os espaços devem ser atraentes e estimulantes para os bebês. Portanto, eles devem ser observados, avaliados e mudados pelos educadores na medida que eles se desenvolvem e se interessam por coisas novas” (ROSSETTI-FERREIRA, 2007, p. 148). Nesse sentido,

Existe uma boa forma de arrumar o berçário, organizando-o com colchonetes, caixas vazadas, móveis baixos, que permitem ao educador observar todo o movimento da sala e o bebê também. Dessa forma, o bebê pode, tranquilamente, ir em busca de um objeto que tenha despertado sua curiosidade, pois ele está vendo que o educador continua na sala. Isso possibilita a ele interagir mais com outros bebês. O educador fica, então, disponível para aqueles que estão exigindo sua atenção naquele momento (ROSSETTI-FERREIRA).

É necessário também, que além do espaço se reflita sobre o tempo de permanência da criança na creche. Quando se fala em tempo se reporta à rotina. Rotina essa, que aperfeiçoa o tempo escolar orienta sua prática educativa, diminui a ansiedade das crianças, pois conforme orienta o RCNEI para a Educação Infantil,

A rotina representa, também, a estrutura sobre a qual será organizado o tempo didático, ou seja, o tempo de trabalho educativo realizado com as crianças. A rotina deve envolver os cuidados, as brincadeiras e as situações de aprendizagens orientadas (BRASIL, 1998, p. 54).

Assim, o tempo nas creches deve ser organizado de acordo com as necessidades relacionadas ao repouso, alimentação, higiene de cada criança, sempre levando em conta sua faixa etária, suas características pessoais, sua cultura e estilo de vida que traz de casa para a escola, ou seja, o respeito à criança (BARBOSA; HORN, 2001).

Uma opção muito boa são os cantinhos, ou seja, um arranjo espacial, que permita a criança uma maior interação, e ao professor permite uma observação do desenvolvimento de cada criança. Nesse sentido, Rosset; Ferreira destaca:

A característica principal das zonas circunscritas é seu fechamento em pelo menos três lados sejam qual for o material que o educador coloca lá dentro, ou que as próprias crianças levam para brincar... É importante que a criança possa ver facilmente a educadora, senão ela não ficará muito tempo dentro dessas áreas circunscritas (ROSSETTI-FERREIRA, 2007, p. 151).

Ou seja, a organização das atividades no tempo, nas escolas de Educação Infantil são necessários, sempre organizados de acordo com as necessidades biológicas, psicológicas, sociais e históricas das crianças, tendo como objetivo o desenvolvimento integral dos pequenos.

A seguir, alguns exemplos dos cantinhos lúdicos, como aproveitar melhor cada espaço. Uma dica muito boa é dividir o local em categorias: cantinho da leitura, jogos de montar, papéis e lápis para pintar e desenhar, entre outros.



Figura 1 - Cantinho das texturas.

Fonte: <http://paraalmdocuidar-educaoinfantil.blogspot.com.br/2010/12/cantos-diversificados.html>

A sensação de prazer ao tocar, pisar, estourar bolhas ampliando a capacidade de expresso e conhecimento do mundo. Assim como o cantinho da leitura, despertando o interesse das crianças desde cedo por algo tão relevante para a vida.



Figura 2 - Cantinho da leitura.

Fonte: <http://eusoudonademim.blogspot.com.br/2013/03/sala-de-aula-cantinho-da-leitura.html>.
Acesso: 23 de set. 2017.

Os profissionais atuantes nas creches, devem sempre procurar aplicar atividades dirigidas, e quando necessário interferir diretamente nas ações das crianças e nas relações com os colegas. A esse respeito Horn destaca:

Olhar de um educador atento é sensível a todos os elementos que estão postos em uma sala de aula. O modo como organizamos materiais e móveis, e a forma como crianças e adultos ocupam esse espaço e como interagem com ele são reveladores de uma concepção pedagógica. Aliás, o que sempre chamou minha atenção foi a pobreza frequentemente encontrada nas salas de aula, nos materiais, nas cores, nos aromas; enfim, em tudo que pode povoar o espaço onde cotidianamente as crianças estão e como poderia desenvolver-se nele e por meio dele se fosse mais bem organizado e mais rico em desafios (2004, p. 15).

3.2 A organização do espaço de creche por faixa etária

Quanto à organização do espaço, cada faixa etária requer uma dinâmica diferente, visto que o espaço na creche se divide em salas, atendendo as crianças por idade, quando esta atinge a idade máxima, é remanejada para outra turma.

Baseando-se em diversos estudos, faixas etárias e desenvolvimento integral da criança, atualmente, Gallardo (1998) coloca as divisões de salas nas creches na seguinte organização;

Berçário I: Agrupa crianças de 4 a 12 meses, os movimentos nesse período são rudimentares, mas o desenvolvimento é muito rápido. Para um melhor efeito didático-metodológico, dividem-se os objetivos desse período, em:

1º- 4 a 7 meses: estimular o engatinhar, o sentar, assim como iniciar os movimentos de manipulação, de coordenação visual e motora fina.

2º- 7 meses a 1 ano: estimular o ficar em pé sem apoio. Estimular também o movimento de preensão.

Berçário II: nesse local se agrupam crianças de 1 a 2 anos, apesar dos movimentos ainda serem rudimentares, a principal característica é o domínio do andar (primeira habilidade especificamente humana). Em seguida aparecem o subir, descer, saltar, cair. Etc. O objetivo nessa fase é o desenvolvimento na precisão e maior controle dos movimentos.

De acordo com Gallardo (1998):

- Ampliar a experiência de engatinhar, que servirá de base para adquirir outras habilidades;
- Ensinar as primeiras cirandas;
- Caminhar no ritmo da música com palmas e pés;
- Estimular a alimentação independente, como também o banho;
- Exploração de diversas superfícies e texturas.

A imagem a seguir-nos mostra a reação dos bebês ao manusear texturas diferentes.



Figura 3 - Curiosidade ao experimentar texturas.

Fonte: <http://ceiivetespeziaschmitt.blogspot.com.br/2013/09/projeto-um-mundo-de-texturas-e-sensacoes.html>

Maternal I; nessa sala se agrupam crianças na faixa etária de 2 a 3 anos. É necessário desenvolver atividades que explorem os movimentos relacionados ao controle do corpo. Nessa fase os sentidos devem se diversificar, atendendo as necessidades e os ritmos diferentes. “As crianças já estão numa fase em que as problematizações ou os desafios são

importantes. Por isso, é importante evitar respostas rápidas e imediatas às situações” (GALLARDO, 1998, p. 71). Frente a isso, segundo o autor, é necessário:

- Seguir ritmos das músicas com objetos (tambor, trombetas);
- Utilizar instrumentos que estimulem a fantasia;
- Brincadeiras ligadas à motricidade;
- Ensinar a enxugar-se e a vestir-se sozinhos.

Nesse ambiente de formação, as brincadeiras devem estar voltadas para o melhor desenvolvimento da criança e não podem ser executadas sem clareza de seu objetivo. Nesse aspecto a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)¹⁹, traz os direitos de conhecimento e desenvolvimento para a Educação Infantil, que asseguram as condições para aprendizagens das crianças, onde essas possam desempenhar um papel ativo em um ambiente desafiador, permitindo que as crianças possam:

- Conviver, com outras crianças e com adultos. Em um ambiente que use várias linguagens que amplie o conhecimento de si e dos outros, em um ambiente que seja respeitado as diferentes culturas e a diferença entre as crianças;

- Brincar, com outras crianças e adultos, em diversos lugares e espaços. As transformações nas brincadeiras devem ser valorizadas em um ambiente que estimule sua imaginação, desenvolvimento de seus conhecimentos, criatividade, experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.

- Participar, ativamente na escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, onde possa desenvolver diferentes linguagens e elabore seus conhecimentos.

- Explorar, movimentos, gestos, sons, formas, texturas, na escola e fora dela, e assim ampliar seus saberes sobre cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia.

- Expressar, como sujeito dialógico, por meio das diferentes linguagens.

- Conhecer-se, construir sua identidade pessoal, social e cultural. Construir uma imagem positiva de si.

Para garantir que esses direitos sejam cumpridos, que as brincadeiras abordadas nesse ambiente formador, cumpram seu objetivo na formação da criança, aparecem os eixos a serem trabalhados, que fundamentam essas brincadeiras com estímulos necessários a cada faixa etária.

¹⁹ BRASIL, Ministério da Educação. Base Nacional Comum curricular. Proposta Preliminar. Segunda versão revista. Brasília MEC, 2016 Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov/bncc-2versao.revistapdf>>. Acesso em: 19 set. 2017.

Entre os principais eixos, podemos destacar o brincar, a linguagem oral, movimento, arte, identidade e autonomia.

No Brincar que pode ser livre ou direcionado, o aprendizado se dá por meio das interações e pelo convívio com os demais. O brincar livre engloba passeios, informações, assistir televisão, ou seja, sem intenções educativas, com aprendizagens consideráveis, pois

[...] o pensamento da criança evolui, a partir de suas ações, por isso as brincadeiras são importantes para o desenvolvimento do pensamento infantil e quanto maior for à imaginação das crianças, maiores serão suas chances de ajustamento do mundo ao seu redor (CUNHA, 1999, p.105).

Em contrapartida o brincar dirigido, é direcionado a aprendizagem. Sendo assim necessário que a creche ofereça atividades que exercitem a imaginação, criatividade, equilíbrio, agilidade, movimentos e raciocínio, ou seja, tem a finalidade pedagógica. Nesse sentido, Friedmann se posiciona:

Os indivíduos que fazem parte de uma sociedade são vistos como atores sociais, que recriam permanentemente. Esse conceito-chave da Antropologia permite ver as crianças de uma forma totalmente nova, em que elas têm um papel ativo na definição da sua própria condição: como atores sociais e co- produtoras de cultura – não só produzidas pelas culturas (2012, p. 23).

A imitação é uma das primeiras brincadeiras realizadas pelos bebês, na medida em que vai crescendo, essa brincadeira vai se encaixando em seu aprendizado, refletindo suas ações, conciliando o mundo real com a imaginação. Sobre imitação, pode se dizer que as crianças:

Reproduzem muito do que veem, mas é sabido o papel fundamental que ocupa a imitação nas brincadeiras infantis. Estas são, com frequência, mero reflexo do que veem e ouvem dos maiores, mas tais elementos da experiência alheia não são nunca levados pelas crianças aos jogos como eram na realidade. Não se limitam a recordar experiências vividas, senão as que reelaboram criativamente, combinando-as entre si e edificando com elas novas realidades de acordo com seus desejos e necessidades (VYGOTSKY, 1984, p. 12).

Estudos sobre Educação apontam que o brincar é muito importante na vida do ser humano enquanto criança, e que a ausência do brincar se relaciona diretamente com problemas emocionais futuros. Sendo assim, o brincar deve fazer parte da rotina, todos os dias da semana.

A esse respeito, Winnicott, destaca a importância do lúdico, quando diz:

É no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fluem na sua liberdade de criação. É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (1971/1975, p. 79-80).

Segundo o autor, o indivíduo possui uma tendência inata ao amadurecimento e, para isso deve-se adaptar ao meio, assim como suas necessidades; já no desenvolvimento da psique, considera que existe a possibilidade do fracasso a cada momento, e é possível que exista crescimento sem distorções devidas a algum grau de fracasso na adaptação ambiental.

Para Winnicott as doenças psíquicas, podem ser desencadeadas como algo que tenha faltado para que o desenvolvimento fosse alcançado. Isso ele não atribui como ausência de atitude por falta dos educadores, muitas vezes, há um excesso, até uma invasão na apresentação de um conteúdo em um momento em que a criança ainda não estava pronta para acessá-lo. O autor relata que o brincar pode ser considerado uma terapia, através dele, a criança cria experiências e possibilidades de resolver conflitos e problemas.

No trabalho com o eixo da Linguagem Oral pode-se citar a atividade livre desde os primeiros meses de vida do bebê. Todo grito, todo gesto da criança tem uma intenção. “Mesmo os que têm pouco vocabulário ou que ainda não falam com desenvoltura estão participando da atividade comunicativa de forma competente e correta” (GASTALDI, 2008, p. 51). Logo, cabe ao profissional da Educação, reconhecer os sons e gestos dos bebês, incorporando cantigas, parlendas, para que se estimule a atenção e a sonoridade. As rodas de conversa são importantíssimas, para que se haja a interação com os colegas, aprenda-se a escutar, discutir e argumentar.

No eixo do Movimento destaca-se que, na linguagem das crianças que ainda não falam está presente o movimento como uma forma de se expressar, diferente dos que já se comunicam com palavras. “O pensamento é simultâneo ao movimento e, por isso, não se pede que eles fiquem sentados ou quietos por muito tempo” (ZURAWSKI, 2008, p. 52). Nesse sentido, Rego diz:

O pensamento que era determinado pelos objetos do exterior passa a ser regido pelas ideias. A criança poderá utilizar materiais que servirão para representar uma realidade ausente, por exemplo, uma vareta de madeira como uma espada, um boneco como filho no jogo de casinha, papéis cortados como dinheiro para ser usado na brincadeira de lojinha, etc. Nesses casos, ela será capaz de imaginar e abstrair as características dos objetos reais (o boneco, a vareta e os pedaços de papel) e se deter no significado definido pela brincadeira (REGO, 1995, p. 81).

Portanto, a criança é movimento e tentar impedir que elas se mexam é o mesmo que impedi-las de pensar. Sendo assim, quanto mais for estimulada nos movimentos, maior será o aprendizado e o desenvolvimento nas capacidades. Aos pouquinhos a criança vai se percebendo e tendo consciência de seus movimentos. Nesse sentido, os espaços nas creches e as atividades devem ser desafiadores, porém seguros. A legislação valoriza o espaço físico como elemento educativo e que deve ser planejado para promover, além do cuidar e do educar, a sensação de segurança e confiança, contato social e de privacidade, apoio, estímulo e aconchego. Mediante isso, é importante e necessário um ambiente seguro, para que o objetivo das creches não interfira negativamente na aprendizagem e nas práticas educativas.

Sendo assim, é necessário que se reflita sobre o espaço físico e sua organização, bem como este contribui para a área pedagógica no sentido de direcionar a ação dos profissionais da Educação, na busca do desenvolvimento e da aprendizagem significativa da criança, sempre valorizando o espaço físico como elemento educativo e parceiro pedagógico do professor. Nesse sentido Freire ressalta que

O espaço é o retrato da relação pedagógica. Nele é que o nosso conviver vai sendo registrado, marcando nossas descobertas, nosso crescimento, nossas dúvidas. O espaço é retrato da relação pedagógica porque registra, concretamente, através de sua arrumação (dos móveis) e organização (dos materiais) a nossa maneira de viver esta relação (FREIRE, 1984, p. 96).

Relacionado a linguagem e ao movimento está o eixo de arte, que trata as artes diversas e a música como meios da criança entrar em contato com o desconhecido, desenvolvendo sua capacidade cognitiva. Escutar o som do próprio corpo, manipular objetos, ouvir canções, músicas instrumentais, criar instrumentos, faz toda a diferença (BRITTO, 2008).

Sendo assim, as atividades visuais como a pintura, desenhos, esculturas, também ampliam as referências artísticas. Por trabalhar com a expressividade, as atividades artísticas são importantes no desenvolvimento da identidade e da autonomia. São ainda um meio de controle motor, compreensão de espaço e desenvolvimento da imaginação.

Nesse sentido, a curiosidade e a criatividade desenvolvem-se construindo os fundamentos das linguagens visuais, como ritmo, contraste, tamanho, cor, pois o ensinar na creche é isso, deixar que explorem objetos e ambientes. (ROSSETTI-FERREIRA, 2007).

Já a identidade e a autonomia, outro eixo do presente trabalho, aborda o desenvolvimento de maneira simultânea, mesmo quando inseridos em um ambiente coletivo, a atenção individualizada é importantíssima, assim como a oferta de possibilidades, por

exemplo, na hora da alimentação servir os alimentos separados, possibilitando cada um identifique em seu prato o que mais gosta, o uso de talheres para que comam sozinhos, ou ainda, na troca das roupas, pois a observação faz com que consigam aprender um com o outro.

Para que se construa essa identidade, o educador necessita chamar cada criança pelo seu nome, colocar espelhos nas salas, fotos, desenhos com nomes, enfim, tudo para que a criança seja estimulada, e volte à atenção para as próprias características, percebendo as diferenças e as semelhanças (ORTIZ, 2008).

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, diz que a identidade remete a ideia de distinção: “é uma marca de diferença entre as pessoas, a começar pelo nome, seguido de todas as características físicas, de modo de agir, de pensar e da história pessoal” (BRASIL, 1998, p. 13)²⁰; já autonomia “é a capacidade de se conduzir e de tomar decisões por si próprio, levando em conta regras, valores, a perspectiva pessoal, bem como a perspectiva do outro” (BRASIL)²¹.

Sendo assim, a creche tem o objetivo de fazer com que as crianças se identifiquem como ser único, com corpo, hábitos e preferências próprias, e o caminho para que se atinja esse desenvolvimento são as atividades de interação, atividades estas, que possibilitam a criação de vínculos afetivos e o aprendizado das regras para a vida em sociedade.

Os conflitos gerados nessa vivência em grupo vêm ser um ótimo meio da aquisição verbal, desde que sejam mediados pelo educador. Portanto, ao realizarem as atividades sozinhas, como almoçar, se trocar, o estímulo à observação, proporciona à criança conhecer os hábitos culturais, contribuindo para sua autonomia.

3.3 As crianças, os jogos, os brinquedos e brincadeiras, na construção do processo de aprendizagem

A partir da década de 90 do século XX, muito se fala sobre a importância do brincar, baseado em pesquisas, empreendimentos, educação, em prol a garantia do pleno desenvolvimento integral da criança. Um exemplo disso é a tecnologia, que vem a ser um novo tipo de cultura na educação, pois o mundo que vivemos hoje é praticamente digital. Porém deve ser vista como parte e não como um todo. Um dos problemas que os professores enfrentam, é como integrar essas novas tecnologias, à educação.

²⁰ BRASIL, Ministério da educação e do Desporto. Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil. V. 1. Brasília: MEC, 1998, p.27.

²¹ Ibid., p. 14.

Uma outra proposta seria dos educadores perceberem a importância da creche em apresentar outras possibilidades de brincar, por exemplo, o brincar usando o próprio corpo, ou na fabricação do próprio brinquedo, com sucatas, podendo também nesse contexto se aliar a tecnologia. Nesse sentido Machado diz:

Antes mesmo de operacionalizar a construção do brinquedo-sucata, as crianças observam as características físicas dos materiais, pois sendo estes de diversas origens, obter novas formas implica em perceber nos brinquedos a essência dessa transformação, conduzindo a uma compreensão maior do brinquedo e do universo infantil (1995, p. 27)²².

Quando a criança fabrica o próprio brinquedo, usando sucatas, exercita a criatividade, desenvolve a interação social em um ambiente lúdico, com materiais atraentes e de baixo custo. Ainda segundo o autor “desperta para a importância de a criança criar seu próprio brinquedo, sugerindo situações de aprendizagem que muitas vezes articulam recursos e capacidades afetivas, cognitivas de cada criança” (MACHADO)²³.

A construção do próprio brinquedo, ajuda no desenvolvimento da imaginação, da criatividade, pois a criança tem a oportunidade de explorar e utilizar objetos presente no seu dia a dia que podem se tornar instrumento essencial para que expressem seus sentimentos e emoções.

Como já visto, as crianças que vivenciam uma fase peculiar do desenvolvimento, estão mais vulneráveis às consequências relacionadas aos excessos. Segundo Karageorgiadis (2015, p. 1):

As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família (TNS/InterScience, outubro de 2003). No Brasil, a publicidade na TV é a principal ferramenta para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto quando é diretamente exposto às complexidades das relações de consumo sem que esteja efetivamente preparado para isso.

As crianças expostas por muito tempo em frente à televisão, ou em contato com jogos eletrônicos, conseqüentemente fazem menos atividades físicas, leem menos, podem aumentar o peso e apresentar pior desempenho no aprendizado. Podem aprender coisas inapropriadas ou incorretas, pois, para a criança acaba ocorrendo a não diferenciação entre a fantasia apresentada na televisão e a realidade. Nesse sentido Cuminale aponta que:

²² MACHADO, Marina Marcondes. O brinquedo-sucata e a criança: a importância do brincar- Atividades e materiais. 2ed. São Paulo: Ed. Loyola, 1995, p.27.

²³ MACHADO, Marina Marcondes. O brinquedo-sucata e a criança: a importância do brincar- Atividades e materiais. 2ed. São Paulo: Ed. Loyola, 1995, p. 45.

A Academia Americana de Pediatria não recomenda nenhum acesso a programas de TV antes dos dois anos de idade... bebês entre 8 e 16 meses que passam mais tempo diante da TV possuem repertório de linguagem menor. Ficar dias ou mais horas em frente à tela está relacionado a um risco seis vezes maior de ter atraso na linguagem (2015, p. 86).

O uso da tecnologia nem sempre é condenável, mas tem que se mediada por um adulto. Dependendo a forma da utilização, pode ser um aliado na aprendizagem, ou seja, mesmo vendo TV, a criança pode interagir, dançar e assim estará brincando, mas claro, sempre mediado por um adulto ou profissional.

3.4 Formação e atuação do professor na creche, algumas considerações

Nesse período de transição que a creche passa atualmente, vindo de uma concepção assistencialista para acentuar a dimensão pedagógica de educação e cuidado, um outro papel de destaque é a do professor. Nesse contexto, atendendo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/1996, o professor necessita refletir sua prática junto às crianças, integrando saberes adquiridos nas atividades cotidianas com os conteúdos de formação.

Para que todos os educadores de creche possam possuir o nível mínimo de escolaridade requerido legalmente no país, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96, muitos municípios buscam criar oportunidades para que estes adquiram formação de magistério em curso superior. Nesse sentido Ortiz destaca:

Dada a complexidade do desenvolvimento das crianças pequenas e da necessidade de atuação do professor como intérprete do que sente e pensa a criança, assim como interpretante do mundo que a rodeia, é imperativo que o profissional desse nível de ensino seja mais bem preparado em sua formação básica, a qual tenha nível mais elevado e mais sólido, com condições de dar continuidade a ela e de ser assistido na instituição em que trabalha com um bom programa de formação permanente (2007, p.12).

Apesar da melhora do grau de instrução dos profissionais docentes em creches, comprovando a capacidade desses, o que se faz necessário é um maior comprometimento dos mesmos, como destaca Alves;

No Brasil, constata-se que, na prática de seu atendimento, as trabalhadoras de creches veem o cuidado à criança como algo que não demanda habilidades ou conhecimentos específicos, de menor valor e subsidiário em relação à educação, levando em conta o 'instinto materno' natural das mulheres. Muitos dos cuidados prestados são baseados no senso comum (2007, p. 15).

Mas o estudo mostrou que os profissionais atuantes em creches, devem entender de psicologia, sociologia, desenvolvimento infantil e para que a formação desses seres tão pequenos se efetue, então o professor deve ser:

Aquele que sabe mediar às experiências da criança pequena de modo a contribuir positivamente para o seu desenvolvimento e aprendizagem. Ele auxilia a criança a utilizar as suas diferentes linguagens para aprender sobre si mesma e sobre o mundo que a cerca, assim como simbolizar suas experiências e expressar o que sente sobre ela (ORTIZ, 2007, p.11).

Em vista disso, a construção dos saberes e a prática que integram o cuidar e o educar na Educação Infantil, é um grande desafio, é necessário propor, avaliar os conhecimentos e as ações voltadas à aprendizagem e ao desenvolvimento infantil. Assim, “[...] este é o caminho para não cair no reducionismo que culmina na atenção parcial à criança: agregar contribuições das diferentes áreas do conhecimento, para a construção de um atendimento integrado e global a ela (ALVES, 2007, p.23).

Atualmente a Constituição Federal, o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, o Referencial Curricular Nacional e mais recentemente a Base Nacional Comum Curricular, afirmam o direito da criança a uma educação de qualidade. Não é mais possível imaginar a criança inserida na creche, sem que haja um planejamento na qualidade do atendimento, e como vai ser a permanência dessa criança nesse estabelecimento de ensino e aprendizagem.

CONCLUSÃO

A brincadeira é um instrumento marcante no desenvolvimento do ser humano. Na medida em que há uma relação essencial entre o real, e o imaginário que leva a construção de novas aprendizagens, é possível estabelecer uma relação com a construção do pensamento. A brincadeira como instrumento didático-pedagógico na primeiríssima infância possibilita à criança através das vivências, a libertação dos pensamentos, inspira situações, desliga-se do mundo real possibilitando a construção de novas aprendizagens. Isso porque, com seu crescimento, passando por fases específicas, a criança evidencia através do brincar, a libertação de seus pensamentos, imagina situações, desliga-se do mundo real, sendo essa relação essencial para a construção de novas aprendizagens.

Ao brincar, a criança cria e recria acontecimentos, exterioriza seu mundo e desejos internos, incorpora os valores que farão grande diferença em sua vida futura.

Em determinados períodos da história da humanidade, a criança não tinha espaço para as brincadeiras, pois não havia diferença entre crianças e adultos. Como um sujeito de direitos, somente no final do século XIX é que a criança passou a ter direito a creche.

Partiu-se do problema da compreensão da relação do lúdico com a aprendizagem, bem como sua caracterização no âmbito educacional, e estes foram alcançados. Deste modo essa dicotomia entre o brincar com característica inerente ao ser humano com a outra linha de pensamento, que com o brincar se aprende se torna um grande avanço.

O jogo, o brincar e o brinquedo desempenham papel fundamental na aprendizagem. Ficando claro o benefício que o jogo fornece à aprendizagem das crianças em relação ao desenvolvimento físico-motor, envolvendo as características de sociabilidade, como trocas, as atitudes, reações e emoções que envolvem as crianças e os objetivos utilizados.

A metodologia utilizada foi bibliográfica que se deu pela revisão de textos em livros, teses, dissertações, revistas da área de Educação do tipo descritiva, com a intenção de colocar o pesquisador em contato direto com o que já foi falado, dito e publicado, podendo-se futuramente ampliá-la para uma pesquisa de campo, a fim de que se possa comprovar com dados estatísticos tal interpretação, pois pensar nessa faixa etária, na formação de indivíduos críticos, atuantes e conscientes, é pensar alternativas que valorizem essa realidade.

O tema abordado é relevante visto que o levantamento teórico mostrou a importância de se criar nas creches ambientes dinâmicos e estimulantes que favoreçam todos esses eixos da aprendizagem, com propostas abertas, flexíveis, refletidas num projeto pedagógico como

objeto de norteamiento, como por exemplo, a contação de histórias, que é uma prática muito válida para o início da alfabetização, e que explora também o lúdico, a imaginação, contribuindo para a sua formação e não comprometendo essa fase tão preservada na sociedade atual.

Nesse contexto, se faz necessário o olhar atento do educador a essa responsabilidade a consciência de estar preparado para o exercício dessa profissão, baseado nesse novo olhar de cuidar e educar, com o processo de socialização dos saberes, em prol do desenvolvimento integral da criança.

Quanto a organização de brincadeiras respeitando-se a faixa etária e as etapas de desenvolvimento infantil, o estudo constatou que apesar de haver uma preocupação quanto ao seu objetivo e finalidade, ainda existem instituições que a ignoram sua importância e as colocam em segundo plano, quando a necessidade é que as atividades lúdicas caminhe junto com o cuidar. Para que isso se torne possível, se faz importante que todos os profissionais envolvidos tenham a consciência do que o brincar pode significar na vida de uma criança.

Logo, fica claro a importância do brincar como sendo parte integrante do desenvolvimento social, cognitivo, no qual, através do imaginário a criança venha expressar suas angústias, emoções, sentimentos e desafios.

Em síntese, entende-se como fundamental que a graduação em Pedagogia tenha uma disciplina específica para tal tema e que as ideias esboçadas na presente pesquisa não se esgotem e sejam aprofundadas. A busca constante pela qualidade na Educação Infantil é um problema que perpassa décadas, sendo o profissional dessa área um mobilizador de habilidades e competências, com princípios éticos, legais e de construção de identidade individual e coletiva, ou seja, um articulador no processo educativo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Roberta C.P; VERISSIMO, Maria De La Ó. R. Os educadores de creche e o conflito entre cuidar e educar. *Rev. bras. crescimento desenvolvimento humano* [online]. 2007, v.17, n.1, p. 13-25. ISSN 0104-1282. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbcdh/v17n1/02.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2017.

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2.ed. Trad. de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981. 280p.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. *Por amor e por força: rotinas na educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2006, p.119.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. Organização do espaço e do tempo na escola infantil. In: CRAIDY, Carmen Maria; KAERCHER, Gládis Elise da Silva. *Educação Infantil. Pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 67-79. Disponível em:<http://www.estudosedacrianca.com.br/resources/anais/1/1407244950_ARQUIVO_textoflaviaemcontrucao_1_.pdf>. Acesso em: 17 set 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Proposta preliminar. Segunda versão revista. Brasília MEC, 2016 Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov/documentos/bncc-2versao.revistapdf>>. Acesso em: 19 set. 2017.

_____. *Declaração universal dos direitos da criança*. Princípio I ao X. Assembleia das Nações Unidas. Local: UNESCO1959.

_____. Ministério da Educação. Lei n. 9394 de 20 de dezembro de 1996. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília: MEC, 1996, p.1.

_____. Ministério de Educação e do Desporto. *Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil*.v.1. Brasília: MEC, 1998, p.21-139.

_____. Ministério da Educação. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil*. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRITO, Teca Alencar de. *O que não pode faltar na escola*. Revista Nova Escola. ed. 217. São Paulo: Abril, p., 2008.

CAMBI, Franco. *História da pedagogia*. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, p.326 1999.

CARDOSO, Tânia A. Lopes. *Desenvolvimento da linguagem*. 13 out. 2003. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/comunicação/desenvolvimento-dalinguagem.profala.com/arttf64.htm>>. Acesso em: 09 abr. 2017.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant. Famílias e Políticas Públicas. In: ACOSTA, A. R.; VITALE, M. A. S. (Org.). *Família: Redes, Laços e Políticas Públicas*. São Paulo: Cortez e IEE: PUC (SP), 2005p.27- 267.

CRAIDY, Carmem Maria. Educação Infantil e as Novas Definições da Legislação. In: Carmem; KAERCHER, Gládis E. (Orgs.). *Educação Infantil pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed, p. 24, 2001.

CUNHA. Maria. Auxiliadora. Versiani. *Didática fundamentada na teoria de Piaget*. A nova metodologia que veio revolucionar o ensino. Rio de Janeiro: Forense Rio, 1973.

CUNHA, Nylse Helena Silva. *Brincar, pensar e conhecer: brinquedos, jogos, atividades*. 3.ed.São Paulo: Tempo, p.105, 1999.

CUMINALE, Natália. Uma bela sinfonia Pueril. *Revista Veja*, 14 jan. 2015, p.81-87. Disponível em: <<http://www.fmcsv.org.br/pt-br/noticias-e-eventos/Paginas/Uma-Bela-Sinfonia-Pueril.aspx>>. Acesso em: 16 abr. 2017.

FERRARI, Márcio. Pedagogia Friedrich Froebel. *Educar para crescer*. Revista Nova Escola, 2011. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/educar-paracrescer/aprendizagem/friedrich-froebel>>. Acesso em: 19 mar. 2017.

FERREIRO, Emília, TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artmed, 1999.p.29.Disponível em: <<https://pedagogiaaopedaletra.com/creche-abrigo-de-criancas-ou-espacos-de-educacao-infantil/>>. Acesso em: 20 maio 2107.

FORNEIRO, Lina Iglesias. A organização dos espaços na educação infantil. In: ZABALDA, Miguel A. *Qualidade em Educação Infantil*. Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 233. Disponível em: <<http://www.partes.com.br/educação/espaco-tempo-disciplinamento.asp>>. Acesso em: out. 2017.

FREIRE, João Batista. *Educação de corpo inteiro*. Teoria e prática da Educação Física. São Paulo: Scipione, 2010, p. 20-144.

FREIRE, Madalena. *A paixão de conhecer o mundo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.p.20.

FRIEDMANN, Adriana. *O brincar na Educação Infantil*. Observação, adequação e inclusão. São Paulo: Moderna, 2012. P. 44.

GALLARDO, Jorge Sérgio Pérez. Didática da Educação Física: a criança em movimento: jogo, prazer e transformação. In: _____; OLIVEIRA, Amauri A. Bássoli de; ARAVENA, César Jaime Oliva. *Conteúdo e Metodologia*.São Paulo: FTD, 1998, p.71.

GASTALDI, Maria Virgínia. O que não pode faltar na escola. Editora de Educação Infantil/Moderna. *Revista Nova Escola*, São Paulo. Editora Abril, ed. 217,2008.

GONDRA, José Gonçalvez. A Emergência da Infância. *Educação em Revista*, v.26, n. 1, Belo Horizonte, p.195-214, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S010246982010000100010&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 19 mar. 2017.

HEYWOOD, Colin. *Uma história da infância: da Idade Média a época contemporânea no Ocidente*. Porto Alegre: Artmed, 2004. p.13 Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Pedagogia/o_conceito_de_infancia_no_decorrer_da_historia.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2017.

KARAGEORGIADIS, Ekaterine. *A criança e a regulamentação da publicidade infantil no Brasil*. Entrevista concedida em 01/03/2015. Disponível em: <<http://www.ecopedagogia.bio.br/index.php/joomlaorg>>. Acesso em: 8 set. 2017.

MACHADO, Marina Marcondes. *O brinquedo-sucata e a criança: a importância do brincar - Atividades e materiais*. 2.ed. São Paulo: Ed. Loyola, 1995, p. 27.

MORAES, Maria M. de. *Abandono e Adoção: algumas repercussões psicológicas e existenciais na criança*, 1983. Disponível em: <<http://www.avm.edu.br/docpdf/monografiaspublicadas/k213667.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2017.

NETO, Carlos Alberto Ferreira. *Motricidade e jogo na infância*. Rio de Janeiro: Sprint, 2001, p.11.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. *Educação Infantil: Fundamentos e Métodos*. São Paulo: Cortez, 2002, p.47 – 148.

ORTIZ, Cisele. O papel do professor de crianças pequenas. In: *Pátio – Educação Infantil*, p.11-13, ano V n.13, mar./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document>>. Acesso em: dia 7 set. 2017.

ORTIZ, Cisele. O que não pode faltar na escola. Editora de Educação Infantil/Moderna. *Revista Nova Escola*, São Paulo. Editora Abril, ed. 217, 2008, p.11-12.

PAIVA, Vera Menezes; NASCIMENTO, M. REDIGIR COMPLETO (Org.). *Sistemas adaptativos complexos: língua(gem) e aprendizagem*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/FAPEMIG, Editora UFMG, 2004. Disponível em: <www.domalberto.edu.br/DireitodaCrianca/snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1361370156_ARQUIVO_ampunhartigo>. Acesso em: 12 mar. 2017.

PAPALIA, Diane; OLDS, Sally Wendkos. *O Mundo da Criança*. Da Infância à Adolescência. Trad. Maria Lúcia G.L. Rosa. 2.ed. São Paulo: Markon Books, 1998.

PEREIRA, Rodrigo da Cunha. Direito de Família no século XXI. In: FIUZA, César; SÁ, Maria de Fátima Freire de; NAVES, Bruno Torquato de Oliveira. *Direito Civil: atualidades*. Belo Horizonte: Del Rey, 2003.

PIAGET, Jean. *Biologia e Conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1973.

PIAGET, Jean. Inteligência e afetividade. Buenos Aires: Aique, 2001. Disponível em: <http://usj.edu.br/wpcontent/uploads/2015/08/tcc.gloria.corrig.usj_.2009.03.pdf>. Acesso em: dia??? maio de 2017.

RÊGO, Patrícia de Paula; CAMORIM, Tânia Elídia Monteiro. *O construtivismo no contexto da educação infantil: a visão de algumas educadoras*, 1995. Disponível em: <<http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/.CONSTRUTIVISMO.pdf>>. Vygotsky. A formação social da mente>. Acesso em: 10 set. 2017.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. et al. (Org.). *Os fazeres na Educação Infantil*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2007. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/263/1/Caderno_mod3vol2.pdf>. Acesso em: 16 set. 2017.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A Família em Desordem*. O Estado de São Paulo, São Paulo, 18 maio 2003. Caderno 2, p. 2 .

SANTOS, Santa Marli Pires dos: *O lúdico na formação do educador*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1997, p.13.

VOKOY, Tatiana; PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira. Psicologia Escolar em educação infantil: reflexões de uma atuação. *Psicologia Escolar e Educacional*. v.9, n.1, p.95-104, 2005, ISSN14138557. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S1413-85572005000100009&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 25 mar. 2017.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984. p. 33 . Disponível em: <www.fe.unicamp.br/br2000/trabs/2170.doc>. Acesso em: 12 fev. 2017.

WALLOW, Henri. *As origens do pensamento na criança*. São Paulo: Manole, 1986. p.23Disponível em: <http://www.uninove.br/marketing/I_cippeb/pdf/experimentando_a_pratica.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2017.

WINNICOTT, D. W. (1971/1975). *O brincar e a realidade*. Trad. José Octavio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, ano. p.Disponível em: <<http://www.Winnicott>, D. W. (1988/1990). *Natureza humana*. Trad. David Litman Bogomoletz>. Acesso em: 23 set. 2017.

ZURAWSKI, Maria Paula. O que não pode faltar na escola. Assessoria de Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. *Revista Nova Escola*, Editora Abril, p.52, ed.217, 2008.